

SAMAEL AUN WEOR

TRATADO

DE

PSICOLOGIA

REVOLUCIONÁRIA

CAPÍTULO I

O NÍVEL DE SER

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Para que vivemos? Por que vivemos?...

Inquestionavelmente, o pobre “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, não só não sabe, como, além disso, nem sequer sabe que não sabe.

O pior de tudo é a situação tão difícil e tão estranha em que nos encontramos: ignoramos o segredo de todas as nossas tragédias e, no entanto, estamos convencidos de que sabemos tudo.

Transporte-se um “mamífero racional”, uma dessas pessoas que na vida se presume influente, ao centro do deserto do Saara, deixando-o ali, longe de qualquer oásis, e observe-o, de uma nave aérea, tudo o que acontece. Os fatos falarão por si mesmo: o “humanóide intelectual”, ainda que se presuma forte e se ache muito homem, no fundo, resulta espantosamente débil.

O "animal racional" é cem por cento tolo; pensa o melhor de “Mim mesmo”, acredita que pode desenvolver-se maravilhosamente através do jardim de infância, manuais de etiqueta social, escolas primárias e secundária, bacharelato, universidade, do bom prestígio do papai etc.

Infelizmente, por trás de tantas letras e bons modos, títulos e dinheiro, bem sabemos que qualquer dor de estômago nos entristece, e que, no fundo, continuamos sendo infelizes e miseráveis.

Basta ler a História Universal para saber que somos os mesmos bárbaros de outrora, e que, em vez de melhorar, nos tornamos piores. Este século XX, com todos os seus espetáculos de guerras, prostituição, sodomia em escala mundial, degeneração sexual, drogas, álcool, crueldade exorbitante, perversidade extrema, monstruosidade etc., é o espelho no qual devemos nos olhar. Não existe, pois, razão suficiente de nos jactar por haver chegado a uma etapa superior de desenvolvimento.

Pensar que o tempo significa progresso é absurdo; desgraçadamente, os "ignorantes ilustrados" continuam engarrafados no "Dogma da Evolução".

Em todas as páginas negras da "Negra História", encontramos sempre as mesmas horrorosas crueldades, ambições, guerras etc. Contudo, nossos contemporâneos "supercivilizados" estão convencidos de que isso de guerra é algo secundário, um acidente passageiro que nada tem a ver com sua cacarejada "Civilização Moderna".

Certamente, o que importa é a maneira de "Ser" de cada pessoa; alguns sujeitos serão bêbados, outros abstêmios, aqueles honrados e estes sem-

vergonha, há, de tudo, na vida.

A massa é a soma dos indivíduos; o que é o indivíduo é a massa; é o governo etc. A massa é, pois, a extensão do indivíduo. Não é possível a transformação das massas; dos povos, se o indivíduo, se cada pessoa, não se transforma.

Ninguém pode negar que existem distintos níveis sociais. Há pessoas de religiosidade e de prostíbulo; de comércio e de campo etc. Assim, existem também diferentes níveis de “Ser”. O que internamente somos: esplêndidos ou mesquinhos; generosos ou tacanhos; violentos ou tranqüilos; castos ou luxuriosos, atrai as diversas circunstâncias da vida. Um luxurioso atrairá sempre cenas, dramas e até tragédias de lascívia, nas quais se envolverá; um bêbado atrairá outros bêbados, e se verá sempre em bares e cantinas, isso é óbvio.

O que atrairá o usurário? O egoísta? Quantos problemas? Prisões? Desgraças?

Entretanto, as pessoas amarguradas, cansadas de sofrer, têm vontade de mudar, passar a página de sua história. Pobres pessoas! Querem mudar e não sabem como, não conhecem o procedimento, encontram-se em um beco sem saída.

O que lhes aconteceu ontem: acontece-lhes hoje e lhes acontecerá amanhã. Os mesmos erros repetem sempre, e não aprendem as lições da vida, nem a pauladas! Todas as coisas repetem-se em sua própria vida: dizem as mesmas coisas: fazem as mesmas coisas: lamentam as mesmas coisas. Esta repetição aborrecedora, de dramas; comédias e tragédias, continuará, enquanto carreguemos em nosso interior os elementos indesejáveis da ira, cobiça, luxúria, inveja, orgulho, preguiça, gula etc.

Qual é nosso nível moral? Ou, melhor diríamos: qual é nosso nível de “Ser”? Enquanto, o nível de “Ser” não mudar radicalmente, continuará a repetição de todas as nossas misérias; cenas; desgraças e infortúnios. Todas as coisas, todas as circunstâncias que acontecem fora de nós, no cenário deste mundo, são exclusivamente o reflexo do que interiormente levamos. Com justa razão, podemos afirmar solenemente, que o "exterior é o reflexo do interior". Quando alguém muda interiormente e tal mudança é radical, o exterior, as circunstâncias, a vida, transformam-se também.

Estive observando recentemente um grupo de pessoas que invadiu um terreno alheio. Aqui no México, tais pessoas recebem o curioso qualificativo de "para-quedaistas". São vizinhos da colônia campestre de Churubusco, e estão muito perto de minha casa, motivo pelo qual pude estudá-los de perto.

Ser pobre jamais será um delito, mas o grave não está nisso, senão em seu nível de Ser. Diariamente lutam entre si, embebedam-se, insultam-se mutuamente, convertem-se em assassinos dos seus próprios companheiros de infortúnio; vivem certamente em imundos casebres, dentro dos quais, em vez do amor, reina o ódio. atrai

Muitas vezes pensei que, se qualquer indivíduo desses eliminasse de seu interior o ódio, a ira, a luxúria, a embriaguez, a maledicência, a crueldade, o

egoísmo, a calúnia, a inveja, o amor próprio, o orgulho etc., agradaria a outras pessoas e se associaria, por uma simples Lei de Afinidades Psicológicas, com pessoas mais refinadas, mais espiritualizadas. Essas novas relações seriam definitivas para uma mudança econômica e social. Seria esse o sistema que permitiria a tal indivíduo abandonar o "chiqueiro", a "cloaca" imunda.

Assim, pois, se realmente queremos uma mudança radical, o que devemos compreender primeiro é que cada um de nós (seja branco ou negro, amarelo ou vermelho, ignorante ou culto etc.) está em tal ou qual "Nível do Ser".

– Qual é o nosso nível de Ser? – Haveis refletido, alguma vez, sobre isso? Não seria possível passar a outro nível, se ignoramos o estado em que nos encontramos.

CAPÍTULO II

A ESCADA MARAVILHOSA

Temos que aspirar a uma mudança verdadeira, sair desta rotina aborrecedora, desta vida meramente mecanicista, cansativa.

O que devemos compreender primeiro, com inteira clareza, é que cada um de nós, seja burguês ou proletário, acomodado ou de classe média, rico ou miserável, encontra-se realmente em tal ou qual nível de Ser.

O nível de Ser do bêbado é diferente daquele do abstêmio, o da prostituta muito diferente do da donzela. Isto que estamos dizendo é irrefutável, irrefutável.

Ao chegar a esta parte do nosso capítulo, podemos imaginar uma escada, que se estende de baixo para cima, verticalmente, com muitíssimos degraus.

Inquestionavelmente, em algum destes degraus nos encontramos; degraus abaixo, haverá pessoas piores que nós; degraus acima, encontraremos pessoas melhores que nós.

Nesta vertical extraordinária, nesta escada maravilhosa, é claro que podemos encontrar todos os níveis de Ser... Cada pessoa é diferente, e isto ninguém pode negar.

Não estamos falando de caras feias ou bonitas, nem tampouco se trata de questão de idades. Há pessoas jovens e velhas, anciãos que já estão para morrer e meninos recém-nascidos.

A questão do tempo e dos anos, isso de nascer, crescer, desenvolver-se, casar-se, reproduzir-se, envelhecer e morrer, é exclusivamente da horizontalidade.

Na "escada maravilhosa", na "vertical", o conceito de tempo não cabe. Nos degraus de tal escala, só podemos encontrar "níveis de Ser".

A esperança mecânica das pessoas não serve para nada. Acreditam que com o tempo as coisas serão melhores. Assim pensavam nossos avós e bisavós, no entanto, os fatos vieram demonstrar precisamente o contrário.

O "nível de Ser" é o que conta, e isto é "vertical". Encontramo-nos em um degrau, mas podemos subir a outro degrau.

A "escada maravilhosa" de que estamos falando, e que se refere aos distintos "níveis de Ser", certamente nada tem a ver com o tempo linear.

Um "nível de Ser" mais alto está imediatamente acima de nós de instante em instante. Não está em nenhum remoto futuro "horizontal", mas aqui e agora, dentro de nós mesmos, na "vertical".

É evidente, e qualquer um pode compreender, que as duas linhas,

“horizontal” e “vertical”, se encontram a cada momento em nosso interior psicológico e formam uma Cruz.

A personalidade manifesta-se e desenvolve-se na linha “horizontal” da vida. Nasce e morre dentro de seu tempo linear, é perecedora. Não existe nenhum amanhã para a personalidade do morto, não é o Ser. Os níveis do Ser, o Ser mesmo, não são do tempo, nada têm a ver com a linha “horizontal”, encontra-se dentro de nós mesmos, agora, na “vertical”. Seria evidentemente absurdo buscar o nosso próprio Ser fora de nós mesmos.

Podemos afirmar como corolário o seguinte: títulos, graus, horárias etc., no mundo físico exterior, de modo algum poderiam originar exaltação autêntica, revalorização do Ser, passagem a um degrau superior nos "Níveis do Ser".

CAPÍTULO III

REBELDIA PSICOLÓGICA

Queremos recordar aos nossos leitores que existe um ponto matemático dentro de nós mesmos.

Inquestionavelmente, tal ponto jamais se encontra no passado, nem tampouco no futuro. Quem quiser descobrir esse ponto misterioso, deve buscá-lo aqui e agora, dentro de “Mim mesmo”, exatamente neste instante, nem um segundo depois, nem um segundo antes.

Os dois lenhos, o “vertical” e o “horizontal” da Santa Cruz, encontram-se neste ponto. Encontramo-nos, pois, de instante em instante, diante de dois Caminhos: o “horizontal” e o “vertical”.

É evidente que o “horizontal” é muito comum: por ele andam "Vicente e toda a gente", "o Sr. Raimundo e todo o mundo"! O Caminho “vertical” é diferente: é o caminho dos rebeldes inteligentes, dos Revolucionários.

Quando alguém se lembra do “Mim mesmo”; quando trabalha sobre o “Mim mesmo”; quando não se identifica com todos os problemas e sofrimentos da vida está, de fato, trilhando a Senda “vertical”.

Certamente, jamais será tarefa fácil eliminar as emoções negativas, perder toda identificação com nosso próprio "trem" da vida, problemas de todo tipo, negócios, dívidas, pagamento de letras, hipotecas, telefone, água, luz etc.

Os desempregados, aqueles que por qualquer motivo perderam o emprego, o trabalho, evidentemente sofrem por falta de dinheiro, e esquecer seu caso, não se preocupar nem se identificar com seu próprio problema, resulta de fato espantosamente difícil!

Aqueles que sofrem, aqueles que choram, aqueles que foram vítimas de alguma traição na vida, de uma ingratidão, de uma calúnia ou de alguma fraude, realmente se esquecem do “Mim mesmo”, de seu real Ser Íntimo e se identificam completamente com sua tragédia moral.

O trabalho sobre o “Mim mesmo” é a característica fundamental do caminho “vertical”. Ninguém poderia trilhar a Senda da Grande Rebelião, se jamais trabalhasse sobre o “Mim mesmo”.

O trabalho a que estamos nos referindo é de tipo psicológico, ocupa-se de certa transformação do momento presente em que nos encontramos.

Necessitamos aprender a viver de instante a instante. Por exemplo, uma pessoa que se encontra desesperada por algum problema sentimental, econômico ou político, obviamente se esqueceu de si mesma. Se tal pessoa

detém-se por um instante, se se observa a situação, e trata de se recordar de si mesma; e depois se esforça por compreender o sentido de sua atitude... Caso reflita um pouco, caso pense no fato de que tudo passa; de que a vida é ilusória; fugaz, de que a morte reduz a cinzas todas as vaidades do mundo... Se compreender que seu problema, no fundo, não é mais que "fogo de palha", um fogo fátuo que logo se apagará, verá imediatamente, com surpresa, que tudo se transformou.

Transformar reações mecânicas é possível mediante a confrontação lógica e a auto-reflexão íntima do Ser. É evidente que as pessoas reagem mecanicamente diante das diversas circunstâncias da vida. Pobres pessoas! Costumam sempre se converter em vítimas. Sorriem, quando alguém as elogiam, sofrem, quando alguém as humilha. Insultam, se são insultadas, ferem, quando são feridas, nunca são livres; seus semelhantes têm o poder de levá-las da alegria à tristeza, da esperança ao desespero. Cada pessoa dessas que vão pelo caminho "horizontal", parece-se com um instrumento musical cujos seus semelhantes, cada um, toca o que bem deseja.

Quem aprende a transformar as relações mecânicas, de fato, vai pelo "Caminho vertical". Isto representa uma mudança fundamental no "nível de Ser", resultado extraordinário da "rebeldia psicológica".

CAPÍTULO IV

A ESSÊNCIA

O que torna belo e adorável todo menino recém-nascido é sua Essência, esta constitui em si mesma sua verdadeira realidade. O crescimento normal da Essência em toda criatura é certamente muito residual, incipiente.

O corpo humano cresce e se desenvolve de acordo com as leis biológicas da espécie. Entretanto, tais possibilidades resultam por si mesmas muito limitadas para a Essência. Inquestionavelmente, a Essência só pode crescer por si mesma, sem ajuda, em um grau muito pequeno.

Falando francamente e sem rodeios, diremos que o crescimento espontâneo e natural da Essência só é possível durante os primeiros três, quatro ou cinco anos de idade, isto é, na primeira etapa da vida.

As pessoas pensam que o crescimento e o desenvolvimento da Essência se realizam sempre de forma contínua, de acordo com a mecânica da "evolução", mas o Gnosticismo Universal ensina claramente que isto não ocorre assim.

A fim de que a Essência cresça mais, algo muito especial deve acontecer, há que se realizar algo novo. Quero me referir, de forma enfática, ao trabalho sobre "Mim mesmo". O desenvolvimento da Essência só é possível à base de trabalhos conscientes e sofrimentos voluntários.

É necessário compreender que estes trabalhos não se referem a questões relativas à profissão, bancos, carpintarias, serralharia, conserto de linhas férreas ou assuntos de escritório. Este trabalho é para toda pessoa que haja desenvolvido a personalidade; trata-se de algo psicológico.

Todos nós sabemos que temos dentro de nós mesmos isso que se chama "Ego", "Eu", "Mim mesmo", Si Mesmo. Desgraçadamente, a Essência encontra-se engarrafada dentro do "Ego", e isto é lamentável. Dissolver o "Eu" psicológico, desintegrar seus elementos indesejáveis, é urgente, inadiável, imposterável. Este é o sentido do trabalho sobre "Mim mesmo". Nunca poderemos libertar a Essência, sem desintegrar previamente o "Eu" psicológico.

Na Essência estão a Religião, o Buda, a Sabedoria, as partículas de dor de nosso Pai que está nos céus e todos os dados de que necessitamos para a Auto-Realização Íntima do Ser.

Ninguém poderia aniquilar o "Eu" Psicológico sem eliminar previamente os elementos inumanos que trazemos dentro de nós.

Necessitamos reduzir a cinzas a crueldade monstruosa destes tempos: a inveja que desgraçadamente veio a converter-se na mola secreta de nossas ações;

a cobiça insuportável que tornou a vida tão amarga; a asquerosa maledicência; a calúnia que tantas tragédias origina; a embriaguez; a imunda luxúria que age tão mal; etc.

À medida que todas essas abominações forem sendo reduzidas a poeira cósmica, a Essência, além de emancipar-se, crescerá e se desenvolverá harmoniosamente.

Inegavelmente, quando o “Eu” psicológico morre, resplandece em nós a Essência. A Essência livre confere-nos beleza íntima, e de tal beleza emanam a felicidade perfeita e o verdadeiro Amor. A Essência possui múltiplos sentidos de perfeição e extraordinários poderes naturais. Quando "morremos em nós mesmos", quando dissolvemos o “Eu” psicológico, gozamos dos preciosos sentidos e poderes da Essência.

CAPÍTULO V

ACUSAR-SE A SI MESMO

A Essência que cada um de nós trazemos em nosso interior vem do alto, do Céu, das Estrelas.

Inquestionavelmente, a Essência maravilhosa provém da nota "Lá" (a Via Láctea, a galáxia em que vivemos), passa através da nota "Sol" (o Sol), a seguir pela nota "Fá" (a zona planetária), entra neste mundo e peneira em nosso próprio interior.

Nossos pais criaram o corpo apropriado para a recepção dessa Essência, que vem das estrelas. Trabalhando intensamente sobre nós mesmos e nos sacrificando pelos nossos semelhantes, regressaremos vitoriosos ao seio profundo de Urânia.

Nós estamos vivendo neste mundo por algum motivo, para algo, por algum fator especial. Obviamente, há em nós muitas coisas que devemos ver, estudar, compreender, se é que na realidade ansiamos saber algo sobre nós mesmos, sobre nossa própria vida.

Trágica é a existência daquele que morre sem haver conhecido o motivo de sua vida. Cada um de nós deve descobrir, por esforço pessoal, o sentido de sua própria vida, aquilo que o mantém prisioneiro no cárcere da dor. Evidentemente, existe, em cada um de nós, algo que nos amarga a vida, e contra o qual necessitamos lutar firmemente. Não é necessário que continuemos na desgraça. É inadiável reduzir a poeira cósmica, isso que nos faz tão fracos e infelizes.

De nada serve envaidecer-nos com títulos, honras, diplomas, dinheiro, inútil raciocínio subjetivo, costumeiras virtudes etc. Não devemos esquecer jamais que a hipocrisia e as tolas vaidades da falsa personalidade, fazem-nos torpes, rançosos, retardatários, reacionários, incapazes para ver o novo.

A morte tem muitos significados, tanto positivos como negativos. Consideremos aquela magnífica observação do Grande *Kabir* Jesus, o Cristo: "que os mortos sepulquem os seus mortos".

Muitas pessoas, ainda que vivam, estão de fato mortas para todo possível trabalho sobre si mesmas, e, por conseguinte, para qualquer transformação íntima. São pessoas engarrafadas em seus dogmas e crenças, pessoas petrificadas nas recordações de muitos passados, indivíduos cheios de preconceitos ancestrais, pessoas escravas "do que os outros vão dizer", espantosamente túbias, indiferentes, às vezes "sabichonas", convencidas de estarem com a verdade porque assim lhe disseram etc.

Essas pessoas não querem entender que este mundo é um "Ginásio

Psicológico", mediante o qual será possível aniquilar essa feiúra secreta que todos carregamos dentro de nós. Se estas pobres pessoas compreendessem o estado tão lamentável em que se encontram, tremeriam de horror.

No entanto, tais pessoas pensam sempre, de si mesmas, o melhor; orgulham-se de suas virtudes, sentem-se perfeitas, bondosas, serviçais, nobres, caridosas, inteligentes, cumpridoras de seus deveres etc.

A vida prática como escola é formidável, mas tomá-la como um fim si mesma é manifestamente absurdo. Aqueles que tomam a vida em si mesma, tal como se vive diariamente, não compreendem a necessidade de trabalharem sobre "Mim mesmo", para conseguir uma "transformação radical".

Desgraçadamente, as pessoas vivem mecanicamente, nunca ouviram falar sobre o trabalho interior. Mudar é necessário; mas as pessoas não sabem como mudar; sofrem muito e nem sequer sabem por que sofrem.

Ter dinheiro não é tudo. A vida, de muitas pessoas ricas, costuma ser verdadeiramente trágica.

CAPÍTULO VI

A VIDA

No terreno da vida prática, sempre descobrimos contrastes que assombam. Pessoas endinheiradas, possuidoras de magníficas residências e muitas amizades, às vezes sofrem espantosamente; enquanto humildes operários de pá e picareta, ou pessoas de classe média, vivem às vezes em completa felicidade. Muitos arquimilionários sofrem de impotência sexual, enquanto ricas senhoras choram amargamente a infidelidade do marido.

Os ricos da Terra parecem abutres dentro de gaiolas de ouro, e atualmente não podem viver sem "guarda-costas". Os homens de Estado arrastam correntes, nunca estão livres e andam por todos os lados rodeados de homens armados até os dentes.

Estudemos esta situação mais detidamente. Necessitamos saber o que é a vida. Cada um é livre para opinar como queira. Digam o que digam, certamente, ninguém sabe nada; a vida é um problema que ninguém entende. Quando as pessoas desejam contar-nos gratuitamente a história de sua vida, citam acontecimentos, nomes e sobrenomes, datas etc., e sentem satisfação ao fazer seus relatos.

Essas pobres pessoas ignoram que seus relatos estão incompletos, porque eventos, nomes e datas são, apenas, o aspecto externo do filme; falta o aspecto interno. É urgente conhecer os "estados de consciência": a cada evento corresponde tal ou qual estado anímico.

Os estados são interiores e os eventos são exteriores, os acontecimentos externos não são tudo. Entende-se por estados interiores as boas ou más disposições, as preocupações, a depressão, a superstição, o temor, a suspeita, a misericórdia, a autoconsideração, a superestimação do "Mim mesmo", estados de felicidade, estados de gozo etc.

Indubitavelmente, os estados interiores podem corresponder-se exatamente com os acontecimentos exteriores, serem originados por estes, ou não ter relação alguma com os mesmos. De qualquer modo, estados e eventos são diferentes. Nem sempre os eventos se correspondem exatamente com estados afins. O estado interior de um evento agradável poderia não se corresponder com este. O estado interior de um evento desagradável também poderia não se corresponder com tal evento.

Acontecimentos aguardados durante muito tempo, quando chegam, é como se faltasse algo...

Certamente, falta o correspondente estado interior que deve combinar-se com acontecimento exterior...

Muitas vezes, o acontecimento que não se espera, vem a ser aquele que proporcionará os melhores momentos...

CAPÍTULO VII

O ESTADO INTERIOR

Combinar estados interiores com acontecimentos exteriores, de forma correta, é saber viver inteligentemente. Qualquer evento inteligentemente vivenciado exige seu correspondente estado interior específico. Porém, infelizmente, as pessoas, quando revisam sua vida, pensam que esta é formada exclusivamente por eventos exteriores.

Pobres pessoas! Pensam que, se tal ou qual acontecimento não lhes houvesse sucedido, sua vida teria sido melhor. Supõem que a sorte fugiu ao seu encontro, e que perderam a oportunidade de ser felizes. Lamentam o perdido, choram o que desprezaram, gemem recordando velhos tropeços e calamidades. Não querem dar-se conta de que vegetar não é viver, e de que a capacidade para existir conscientemente depende exclusivamente da qualidade dos estados interiores da Alma.

Certamente, não importa quão formosos sejam os acontecimentos externos da vida, se não nos encontramos em tais momentos no estado interior apropriado. Os melhores eventos podem parecer-nos monótonos, cansativos, ou simplesmente aborrecedores.

Alguém aguarda com ansiedade a festa de casamento, é um acontecimento, mas poderia suceder que estivesse tão preocupado no momento preciso do evento que realmente não encontrasse nele nenhum deleite; e que tudo aquilo se tornasse tão árido e frio como um protocolo.

A experiência nos ensinou que nem todas as pessoas que assistem a um banquete ou a um baile se divertem verdadeiramente. Nunca falta um aborrecido no melhor dos festejos, e as peças mais famosas alegram a uns e fazem chorar a outros. Muito raras são as pessoas que sabem combinar conscientemente o evento externo com o estado interno apropriado. É lamentável que as pessoas não saibam viver conscientemente: choram quando devem ir e riem quando devem chorar.

Controle é diferente: o sábio pode estar alegre, mas nunca cheio de louco *frenesi*; triste, mas nunca desesperado e abatido; sereno no meio de violência, abstêmio na orgia, casto em meio à luxúria etc.

As pessoas melancólicas e pessimistas pensam da vida o pior e francamente não desejam viver. Todos os dias vemos pessoas que não somente são infelizes como, além disso, e o que é o pior, fazem também amarga a vida dos demais. Gente assim não mudaria nem vivendo diariamente de festa em festa;

carregam a enfermidade psicológica em seu interior. Tais pessoas possuem

estados íntimos definitivamente perversos.

No entanto, esses indivíduos se autoqualificam como justos, santos, virtuosos, nobres, serviçais, mártires etc. São pessoas que se autoconsideram demasiadamente; pessoas que estimam muito a si mesmas, indivíduos que se apiedam muito do “Mim mesmo” e que sempre buscam escapatórias para fugir das suas próprias responsabilidades.

Pessoas assim estão acostumadas às emoções inferiores, e é evidente que, por tal motivo, criam diariamente elementos psíquicos infra-humanos. Os eventos infelizes, os reveses da fortuna, miséria, dívidas, problemas etc., são exclusivamente daquelas pessoas que não sabem viver. Qualquer um pode formar uma rica cultura intelectual, mas são muito poucas as pessoas que aprenderam a viver retamente.

Quando alguém quer separar os eventos exteriores dos estados interiores da consciência, demonstra concretamente sua incapacidade para existir dignamente. Aqueles que aprendem a combinar conscientemente eventos exteriores e estados interiores marcham pelo caminho do êxito.

CAPÍTULO VIII

ESTADOS EQUIVOCADOS

Na rigorosa observação do “Mim mesmo”, inquestionavelmente, resulta inadiável fazer uma completa diferenciação lógica entre os acontecimentos exteriores da vida prática e os estados íntimos da consciência. Precisamos com urgência saber onde estamos situados em um dado momento, tanto em relação ao estado íntimo da consciência como à natureza específica do acontecimento exterior que nos está sucedendo.

A vida, em si mesma, é uma série de acontecimentos que se processam através do tempo e do espaço. Alguém disse: "a vida é uma cadeia de martírios que o homem leva enredada na Alma"

Cada um tem liberdade de pensar como quiser; eu creio que aos efêmeros prazeres de um instante fugaz sucedem sempre o desencanto e a amargura...

Cada acontecimento tem seu sabor característico especial, e os estados interiores são também de diversos tipos, isto é irrefutável. Certamente, o trabalho interior sobre o “Mim mesmo” refere-se aos diversos estados psicológicos da consciência. Ninguém poderia negar que carregamos, em nosso interior, muitos erros, e que existem estados equivocados. Se realmente queremos mudar, precisamos, com urgência máxima e inadiável, modificar radicalmente esses estados equivocados da consciência. A modificação absoluta dos estados equivocados origina transformações completas no terreno da vida prática.

Quando alguém trabalha seriamente sobre os estados equivocados, obviamente, os acontecimentos desagradáveis da vida, já não podem feri-lo com facilidade. Estamos dizendo algo que só é possível compreender vivenciando-o, sentindo-o realmente no próprio terreno dos fatos.

Quem não trabalha sobre o “Mim mesmo” é sempre vítima das circunstâncias; é como um mísero pedaço de madeira entre as águas tormentosas do oceano. Os acontecimentos mudam incessantemente em suas múltiplas combinações, vêm um após outro em ondas, são influências. Certamente existem bons e maus acontecimentos, alguns eventos serão melhores ou piores que outros.

Modificar certos eventos é possível, alterar resultados, modificar situações etc., está certamente dentro das possibilidades. Mas existem, de fato, situações que não podem ser alteradas. Nestes últimos casos, devem ser aceitas conscientemente, ainda que algumas sejam muito dolorosas e até perigosas.

Inquestionavelmente, a dor desaparece quando não nos identificamos com o problema que se apresentou. Devemos considerar a vida como uma série

sucessiva de estados interiores; uma história autêntica de nossa vida em particular está formada por todos esses estados.

Ao revisar a totalidade de nossa própria existência, podemos verificar por nós mesmos, de forma direta, que muitas situações desagradáveis foram possíveis graças a estados interiores equivocados. Alexandre, o Grande, ainda que sempre tenha sido moderado por natureza, se entregou, por orgulho, aos excessos que lhe causaram a morte. Francisco I morreu por causa de um adultério sujo e abominável, que a história ainda recorda muito bem. Quando Marat foi assassinado por uma monja perversa, morria de orgulho e de inveja; acreditava-se absolutamente justo. As damas do Parque dos Serves, indubitavelmente, acabaram totalmente com a vitalidade do espantoso fornicário chamado Luís XV.

Muitas são as pessoas que morrem por ambição, ira ou ciúmes, isto o sabem muito bem os psicólogos. Quando nossa vontade confirma-se de maneira irrevogável em uma tendência absurda nós nos convertemos em candidatos ao cemitério. Otelo, devido aos ciúmes, se converteu em assassino. A prisão está cheia de equivocados sinceros.

CAPÍTULO IX

ACONTECIMENTOS PESSOAIS

Torna-se inadiável a plena auto-observação íntima do “Mim mesmo”, quando se trata de descobrir estados psicológicos equivocados, os quais podem, sem dúvida, ser corrigidos mediante procedimentos corretos.

Como a vida interior é o imã que atrai os eventos exteriores, necessitamos, com a máxima urgência, improrrogável, eliminar de nossa psique os estados psicológicos errôneos. Corrigir estados psicológicos equivocados é indispensável, quando se quer alterar de forma fundamental a natureza de certos eventos indesejáveis.

Alterar nossa relação com determinados eventos é possível, se eliminarmos de nosso interior certos estados psicológicos absurdos. Situações exteriores destrutivas poderiam se converter em inofensivas e até construtivas mediante a inteligente correção dos estados interiores errôneos.

Alguém pode mudar a natureza dos eventos desagradáveis que lhe ocorrem, quando se purifica intimamente. Quem jamais corrige os estados psicológicos absurdos, crendo-se muito forte, converte-se em vítima das circunstâncias.

Colocar ordem, em nossa desordenada casa interior, é vital, quando se deseja mudar o curso de uma existência infeliz. As pessoas que se queixam de tudo, sofrem, choram e protestam, gostariam de mudar de vida, sair do infortúnio em que se encontram, mas, infelizmente, não trabalham sobre si mesmas. Não querem dar-se conta de que a vida interior atrai circunstâncias exteriores, e que, se estas são absurdas, isto se deve aos estados interiores absurdos.

O exterior é apenas o reflexo do interior; quem muda interiormente origina uma nova ordem de coisas. Os eventos exteriores jamais poderiam ser tão importantes, como o modo de reagir ante os mesmos. Permanceste serenos ante o insultador? Recebestes com agrado as manifestações desagradáveis de vossos semelhantes? De que maneira reagistes ante a infidelidade do ser amado? Deixaste-vos levar pelo veneno dos ciúmes? Matastes? Estais na prisão? Os hospitais, os cemitérios e as prisões estão cheios de equivocados sinceros, que reagiram de forma absurda ante os eventos exteriores.

A melhor arma que um homem pode usar na vida é um estado psicológico correto. Pode-se desarmar feras e desmascarar traidores mediante estados interiores apropriados.

Os estados interiores equivocados convertem-se em vítimas indefesas da perversidade humana. Aprendei a enfrentar os acontecimentos mais

desagradáveis da vida prática com uma atitude interior apropriada. Não vos identifiqueis com acontecimentos mais desagradáveis da vida prática; não vos identifiqueis com acontecimento algum; recordai que tudo passa; aprendei a ver a vida como um filme e recebereis os benefícios.

Não esqueçamos que acontecimentos sem nenhum valor poderiam levar-nos à desgraça, se não eliminardes de vossa psique os estados interiores equivocados. Cada evento exterior necessita, sem dúvida, do registro apropriado, ou seja, do estado psicológico preciso.

CAPÍTULO X

OS DIFERENTES EUS

O “mamífero racional”, equivocadamente chamado homem, realmente não possui uma individualidade definida. É inquestionável esta falta de unidade psicológica no humanóide, causa de tantas dificuldades e amarguras.

O corpo físico é uma unidade completa e trabalha como um todo orgânico, a menos que esteja doente. Entretanto, a vida interior do humanóide de modo algum é uma unidade psicológica.

O mais grave de tudo isso, a despeito do que digam as diversas escolas pseudos esotéricas, e pseudos ocultistas, é a ausência de organização psicológica nas profundezas íntimas de cada um. Certamente, em tais condições, não existe trabalho harmonioso, como um todo, na vida interior das pessoas. O humanóide, no que diz respeito a seu estado interior, é uma multiplicidade psicológica, uma soma de “Eus”.

Os ignorantes ilustrados desta época tenebrosa rendem culto ao “Eu”, endeusam-no, colocam-no nos altares, chamam-no "Alter Ego", “Eu superior”, "Eu divino" etc.

Não querem se dar conta, os "sabichões" desta idade negra em que vivemos, de que “Eu superior” ou "Eu inferior" são duas seções do mesmo “Ego” pluralizado. O humanóide não tem certamente um "eu permanente", mas uma multidão de diferentes “Eus” infra-humanos e absurdos.

O pobre “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, é semelhante a uma casa em desordem, onde, em vez de um único chefe, existem muitos criados que querem sempre mandar e fazer o que lhes vem à cabeça.

O maior erro do pseudo-esoterismo e do pseudo-ocultismo baratos é o de supor que os outros possuem ou que têm um "Eu permanente e imutável", sem princípio e sem fim. Se esses que assim pensam despertassem a consciência, ainda que fosse por um instante, poderiam evidenciar claramente, por si mesmo, que o humanóide racional nunca é o mesmo por muito tempo.

O “mamífero intelectual”, do ponto de vista psicológico, muda continuamente. Pensar que se uma pessoa chama-se Luís é sempre Luís; é como uma brincadeira de muito mau gosto. Esse sujeito, a quem se chama Luís, tem em “Si Mesmo” outros “Eus”, outros egos que se expressam por meio de sua personalidade em diferentes momentos, e, ainda que o Luís não goste da cobiça, outro “Eu” nele, que podemos chamar de Pepe, gosta da cobiça, e assim sucessivamente.

Nenhuma pessoa é a mesma de forma contínua. Realmente, não é

necessário ser muito sábio para se dar conta cabal das inúmeras mudanças e contradições de cada indivíduo. Supor que alguém possui um "Eu Permanente e Imutável" equivale a um abuso para com o próximo e para consigo mesmo. Dentro de cada pessoa vivem muitas pessoas, muitos "Eus", isto o pode verificar, por "si mesmo" e de forma direta, qualquer pessoa desperta, consciente.

CAPÍTULO XI

O QUERIDO EGO

Considerando que "superior" e "inferior" são duas seções de uma mesma coisa, pode-se deduzir o seguinte corolário: "Eu superior" e "Eu inferior" são dois aspectos do mesmo "Ego" tenebroso e pluralizado.

O denominado "Eu Divino" ou "Eu superior", "Alter ego" ou algo parecido, é certamente uma evasiva do "Mim mesmo", uma forma de auto-engano. Quando o "Eu" quer continuar aqui e no além, auto-engana-se com o falso conceito de um "Eu" divino, imortal.

Nenhum de nós tem um "Eu" verdadeiro, permanente, imutável, eterno, inefável etc. Nenhum de nós tem, na verdade, uma verdadeira e autêntica unidade do Ser; infelizmente, nem sequer possuímos uma legítima individualidade.

O Ego, ainda que continue além da sepultura, tem, no entanto, um princípio e um fim. O "Ego" nunca é algo individual, unitário, unitotal. Obviamente, o que chamamos de "Eu", são "Eus". No Tibete Oriental, os "Eus" são denominados "agregados psíquicos" ou simplesmente "valores", sejam estes últimos positivos ou negativos.

Se pensarmos em cada "Eu" como uma pessoa diferente, podemos afirmar de forma enfática o seguinte: "dentro de cada pessoa que vive no mundo, existem muitas pessoas".

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós vivem muitas pessoas diferentes, algumas melhores, outras piores. Cada um destes eus, cada uma destas pessoas, luta pela supremacia, quer ser exclusiva, controla o cérebro intelectual ou os centros emocional e motor, cada vez que pode, até que outra a substitui.

A Doutrina dos "Muitos Eus" foi ensinada no Tibete Oriental pelos verdadeiros Clarividentes, pelos autênticos iluminados. Cada um dos nossos defeitos psicológicos está personificado em tal ou qual "Eu".

Considerando que temos milhares e até milhões de defeitos, é evidente que vive muita gente em nosso interior. Em questões psicológicas, pudemos evidenciar claramente que os paranóicos, ególatras e mitômanos por nada na vida abandonariam o culto ao querido ego. Tais pessoas, Indubitavelmente, odeiam mortalmente a doutrina dos muitos "Eus".

Quando alguém quer conhecer de verdade o "Mim mesmo", deve auto-observar-se e tratar de conhecer os diferentes "Eus" que estão radicados em sua personalidade.

Se algum dos nossos leitores não compreende essa doutrina dos muitos “Eus”, deve-se exclusivamente à falta de prática em matéria de Auto-Observação.

À medida que alguém pratica a auto-observação interior, vai descobrindo, por “si mesmo”, as muitas pessoas, os muitos “Eus” que vivem dentro da sua própria personalidade.

Aqueles que negam a doutrina dos muitos “Eus”, aqueles que adoram a um “Eu” divino, inegavelmente jamais se auto-observaram de maneira séria. Falando em estilo socrático, diremos que essas pessoas não só ignoram como, além disso, ignoram que ignoram.

Certamente, jamais poderíamos conhecer a nós mesmos, sem a auto-observação séria e profunda. Enquanto uma pessoa continue considerando-se como uno, é claro que qualquer transformação interior será totalmente impossível.

CAPÍTULO XII

A MUDANÇA RADICAL

Enquanto um homem prosseguir com o erro de crer-se uno, único, individual, é evidente que a mudança radical será algo mais que impossível.

O fato próprio de que o trabalho esotérico começa com a rigorosa observação de nós mesmos está nos indicando uma multiplicidade de fatores psicológicos, eus ou elementos indesejáveis que é urgente extirpar, erradicar de nosso interior.

Inquestionavelmente, de modo algum seria possível eliminar erros desconhecidos. Urge observar previamente aquilo que queremos separar de nossa psique. Este tipo de trabalho não é externo, mas interno, e aqueles que pensam que qualquer manual de etiqueta ou sistema ético externo e superficial poderá levá-los ao êxito, estarão de fato totalmente equivocados.

O fato concreto e definitivo de que o trabalho íntimo se inicia com a atenção concentrada na observação plena do “Mim mesmo”, é motivo mais que suficiente para demonstrar que isto exige um esforço pessoal muito particular de cada um de nós.

Falando francamente e sem rodeios, asseveramos enfaticamente o seguinte: nenhum outro ser humano poderia fazer este tipo de trabalho por nós. Não é possível mudança alguma em nossa psique, sem a observação direta de todo esse conjunto de fatores subjetivos que levamos dentro de nós.

Aceitar simplesmente a multiplicidade de erros, descartando a necessidade de estudo e observação direta dos mesmos, significa, de fato, uma evasiva ou escapatória, uma fuga do “Mim mesmo”, uma forma de auto-engano. Só por meio do esforço rigoroso da observação judiciosa do “Mim mesmo”, sem escapatórias de qualquer espécie, poderemos evidenciar realmente que não somos "Um", mas "Muitos".

Admitir a pluralidade do “Eu” e evidenciá-la por intermédio da observação rigorosa, são dois aspectos diferentes. Alguém pode aceitar a Doutrina dos Muitos eus, sem jamais havê-la evidenciado; isto só é possível com a auto-observação feita cuidadosamente. Evitar o trabalho de observação íntima, buscar evasivas, é sinal inconfundível de degeneração.

Enquanto um homem sustenta a ilusão de que é sempre uma e a mesma pessoa, não pode mudar; e é óbvio que a finalidade deste trabalho é precisamente conseguir uma mudança gradual em nossa vida interior. A transformação radical é uma possibilidade definida que normalmente se perde, quando não se trabalha sobre “Mim mesmo”.

O ponto inicial da transformação radical permanece oculto, enquanto o

homem continuar crendo-se ser um. Aqueles que rechaçam a Doutrina dos Muitos Eus, demonstram claramente que jamais se auto-observaram seriamente.

A severa observação do “Mim mesmo”, sem escapatórias de qualquer espécie, permite- nos verificar, por nós próprio, o cru realismo de que não somos "Unos", mas "Muitos".

No mundo das opiniões subjetivas, diversas teorias pseudos esotéricas ou pseudos ocultistas servem sempre de saída para a fuga do “Mim mesmo”. Indiscutível, a ilusão de que, se é sempre uma e a mesma pessoa, constitui obstáculo para a auto-observação.

Alguém poderia dizer: "sei que não sou uno, mas muitos, a *Gnose* me ensinou". Tal afirmação, ainda que fosse muito sincera, se não existisse plena experiência vivida sobre esse aspecto doutrinário, obviamente seria algo meramente externo e superficial. Evidenciar, experimentar e compreender é o fundamental; só assim é possível trabalhar conscientemente, para se conseguir uma mudança radical. Afirmar é uma coisa e compreender é outra. Quando alguém diz: "compreendo que não sou um, mas muitos", se sua compreensão é verdadeira e não mero palavreado insubstancial, isto indica plena verificação da Doutrina dos Muitos eus.

Conhecimento e Compreensão são diferentes. O primeiro é da mente, o segundo do coração. O mero conhecimento da Doutrina dos Muitos eus de nada serve. Infelizmente, nos tempos em que vivemos, o conhecimento foi muito além da compreensão; o pobre “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, desenvolveu exclusivamente o conhecimento, esquecendo lamentavelmente o Ser.

Conhecer a doutrina dos muitos eus e compreendê-la é fundamental para toda transformação radical verdadeira. Quando um homem começa a observar-se detidamente, partindo do princípio de que não é uno, mas múltiplice, obviamente, iniciou o trabalho sério sobre sua natureza interior.

CAPÍTULO XIII

OBSERVADOR E OBSERVADO

É muito claro e não é difícil de compreender que, quando alguém começa a observar-se seriamente, partindo do princípio de que não é um, mas muitos começam realmente a trabalhar sobre tudo isso que carrega dentro de si.

São obstáculos, tropeços, empecilhos para o trabalho de auto-observação íntima os seguintes defeitos psicológicos: mitomania (delírio de grandeza, crer-se um Deus); egolatria (crença em um “Eu” permanente, adoração a qualquer espécie de *Alter ego*); paranóia (achar que sabe tudo, auto-suficiência, presunção, crer-se infalível, orgulho místico, pessoa que não sabe ver o ponto de vista alheio).

Quando se continua com a convicção absurda de que é “Um”, de que se possui um “Eu” permanente, torna-se mais que impossível o trabalho sério sobre “Mim mesmo”.

Quem sempre se crê um, uno, nunca será capaz de se separar de seus próprios elementos indesejáveis. Considerará cada pensamento, sentimento, desejo, emoção, paixão, afeto etc., como funcionalismos diferentes, imodificáveis, de sua própria natureza, e até se justificará ante os demais, dizendo que tais ou quais defeitos pessoais são de caráter hereditário.

Quem aceita a doutrina dos muitos eus compreende, à base de observação, que cada desejo, pensamento, ação, paixão etc., corresponde a um ou outro “Eu” distinto, diferente.

Qualquer atleta da Auto-observação íntima trabalha muito seriamente dentro do “Mim mesmo”, e se esforça por separar de sua psique os diversos elementos indesejáveis que carrega consigo. Se alguém de verdade e muito sinceramente começa a observar-se internamente, dividir-se-á em dois: observador e observado. Se tal divisão não ocorresse, é evidente que nunca daríamos um passo adiante na via maravilhosa do autoconhecimento.

Como poderíamos observar a nós mesmos, se cometêssemos o erro de não querer dividir-nos em observador e observado? Se tal divisão não ocorresse, é óbvio que nunca daríamos um passo adiante no caminho do autoconhecimento.

Indubitavelmente, quando esta divisão não sucede, continuamos identificados com todos os processos do “Eu” pluralizado. Quem se identifica com os diversos processos do “Eu” pluralizado, é sempre vítima das circunstâncias.

Como poderia modificar circunstâncias aquele que não conhece o “Mim mesmo”? Como poderia conhecer o “Mim mesmo”, quem nunca se observou internamente? De que maneira poderia alguém se auto-observar, se não se

divide previamente em observador e observado?

Assim, ninguém pode começar a mudar radicalmente, enquanto não for capaz de dizer: "este desejo é um "Eu" animal, que devo eliminar"; "este pensamento egoísta é outro "Eu" que me atormenta e que necessito desintegrar"; "esse sentimento, que fere meu coração, é um "Eu" intruso que necessito reduzir a poeira cósmica" etc.

Naturalmente, isto é impossível, para quem nunca se dividiu em observador e observado. Quem toma todos seus processos psicológicos como funcionalismos de um "Eu" único, individual e permanente, encontra-se tão identificado com todos os seus erros, estão tão unidos ao "Mim mesmo" que perde, por tal motivo, a capacidade de separá-los de sua psique. Obviamente, pessoas assim jamais podem mudar radicalmente, são pessoas condenadas aos mais rotundos fracassos.

CAPÍTULO XIV

PENSAMENTOS NEGATIVOS

Pensar profundamente e com plena atenção, parece algo estranho nesta época involutiva e decadente.

Do Centro Intelectual surgem diversos pensamentos, provenientes não de um “Eu” permanente, como supõem nesciamente os ignorantes ilustrados, mas dos diferentes “Eus” em cada um de nós.

Quando um homem está pensando, crê firmemente que ele em “Si mesmo” e por “Si mesmo” está pensando. Não quer entender, o pobre “mamífero intelectual”, que os múltiplos pensamentos que passam por seu entendimento têm sua origem nos diferentes “Eus” que leva dentro de si. Isto significa que não somos verdadeiros indivíduos pensantes, realmente ainda não temos mente individual.

Entretanto, cada um dos diferentes “Eus” que carregamos dentro de nós, usa nosso Centro Intelectual, utiliza-o cada vez que pode para pensar. Seria absurdo, então, identificar-nos com tal ou qual pensamento negativo e prejudicial, acreditando ser ele nossa propriedade particular. Obviamente, este ou aquele pensamento negativo provém de qualquer “Eu” que em um dado momento utilizou abusivamente nosso Centro Intelectual.

Existem pensamentos negativos de distintas espécies: suspeita, desconfiança, má vontade para com outra pessoa, ciúmes passionais, ciúmes religiosos, ciúmes políticos, ciúmes por amizades ou de tipo familiar, cobiça, luxúria, vingança, ira, orgulho, inveja, ódio, ressentimento, furto, adultério, preguiça, gula etc.

Realmente, são tantos os defeitos psicológicos que temos que, ainda que tivéssemos um palato de aço e mil línguas para falar, não conseguiríamos enumerá-los cabalmente.

Como seqüência ou corolário do que antecede, torna-se descabido nos identificarmos com os pensamentos negativos.

Uma vez que não é possível que exista efeito sem causa, afirmamos solenemente que nunca um pensamento poderia existir por “Si Mesmo”, por geração espontânea. É evidente a relação entre pensador e pensamento; cada pensamento negativo tem sua origem em um pensador diferente. Em cada um de nós existem tantos pensadores negativos, quantos pensamentos da mesma índole.

Vista a questão sob o ângulo pluralizado de "Pensadores e Pensamentos", conclui-se que cada um dos “Eus” que carregamos em nossa psique é

certamente um pensador diferente.

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós existem pensadores em demasia. Não obstante, cada um destes, apesar de ser tão só uma parte, crê-se o todo, em um dado momento. Os mitômanos, os ególatras, os narcisistas, os paranóicos, nunca aceitarão a tese da "pluralidade de pensadores", porque valorizam demasiadamente o "Mim mesmo", sentem-se "o papai do Tarzan" ou "a mamãe das criancinhas".

Como tais pessoas anormais poderiam aceitar a idéia de que não possuem uma mente individual, genial, maravilhosa? Não obstante, tais sabichões pensam de "Si Mesmo" o melhor, e até se vestem com a túnica de Arístipo para demonstrar sabedoria e humildade.

Conta a lenda dos séculos que Arístipo, querendo demonstrar sabedoria e humildade, vestiu-se com uma velha túnica cheia de remendos e buracos; empunhou com a mão direita o Bastão da Filosofia e se foi pelas ruas de Atenas. Dizem que quando Sócrates o viu vindo, exclamou com grande voz: "Ó Arístipo, vê-se tua vaidade através dos buracos de tua vestimenta!".

Quem não vive sempre em estado de Alerta-novidade, Alerta-percepção, pensando que está pensando, facilmente se identifica com qualquer pensamento negativo. Como resultado, fortalece lamentavelmente, o poder sinistro do "eu negativo", autor do correspondente pensamento em questão. Quanto mais nos identificamos com um pensamento negativo, tanto mais escravos seremos do correspondente "Eu" que o caracteriza.

Com relação à *Gnose*, ao Caminho Secreto, ao trabalho sobre o "Mim mesmo", nossas tentações particulares encontram-se precisamente nos "Eus" que odeiam a *Gnose*, o trabalho esotérico, porque não ignoram que sua existência dentro de nossa psique está mortalmente ameaçada pela *Gnose* e pelo Trabalho.

Esses "eus Negativos" e brigões apoderam-se facilmente de certos "rolos" mentais armazenados em nosso Centro Intelectual, e originam seqüencialmente correntes mentais nocivas e prejudiciais.

Se aceitarmos esses pensamentos, esse "eus Negativos" que em um dado momento controlam nosso Centro Intelectual, seremos incapazes de nos livrar de seus resultados. Jamais devemos esquecer que todo "eu negativo" se "auto-engana" e "engana"; conclusão: Negam.

Cada vez que sentimos uma súbita perda de força, quando o aspirante se desilude da *Gnose*, do trabalho esotérico, quando perde o entusiasmo e abandona o melhor, é óbvio que foi enganado por algum "Eu" negativo.

O "eu negativo do adultério" aniquila os nobres lares e torna desgraçados os filhos. O "eu negativo dos ciúmes" engana os seres que se adoram e destrói sua felicidade. O "eu negativo do orgulho místico" engana os devotos do caminho e estes, sentindo-se sábios, cansam-se de seu Mestre ou o atraçoam.

O "Eu" negativo apela para nossas experiências pessoais, nossas recordações, nossas melhores aspirações, nossa sinceridade, e, mediante uma rigorosa seleção de tudo isto, apresenta algo sob uma falsa luz, algo que fascina,

e vem o fracasso. Não obstante, quando alguém descobre o “Eu” em ação, e quando já aprendeu a viver em estado de alerta, tal engano faz-se impossível.

CAPÍTULO XV

A INDIVIDUALIDADE

Crer-se "Uno" é certamente uma brincadeira de muito mau gosto. Infelizmente, esta vã ilusão, existe dentro de cada um de nós.

Lamentavelmente, sempre pensamos de nós mesmos o melhor; jamais ocorre compreender que nem sequer possuímos verdadeira individualidade. O pior é que até nos damos ao falso luxo de supor que cada um de nós goza de plena consciência e vontade própria. Pobres de nós! Quão néscios somos! Não há dúvida de que a ignorância é a pior das desgraças.

Dentro de cada um de nós existem muitos milhares de indivíduos diferentes, eus ou pessoas que brigam entre si, que pelejam pela supremacia e que não têm ordem ou concordância alguma entre si. Se fôssemos conscientes, se despertássemos de tantos sonhos e fantasias, quão diferente seria a vida. Mas, para cúmulo de nosso infortúnio, as emoções negativas, a autoconsideração e o amor-próprio fascinam-nos, hipnotizam-nos; jamais nos permitem recordarmos de nós mesmos e nos vemos tal qual somos. Acreditamos ter uma só vontade, quando na realidade possuímos muitas vontades diferentes (cada "Eu" tem a sua).

A tragicomédia de toda esta multiplicidade interior, é pavorosa; as diferentes vontades interiores chocam-se entre si, vivem em conflito contínuo, atuam em diferentes direções.

Se tivéssemos verdadeira individualidade, se possuíssemos uma Unidade em vez de uma multiplicidade, teríamos também continuidade de propósitos, consciência desperta, vontade particular, individual.

Mudar é o indicado, entretanto devemos começar por ser sinceros com nós mesmos. Necessitamos fazer um inventário psicológico sobre nós mesmos para conhecer o que nos sobra e o que nos falta. É possível conseguir a individualidade, mas, se acreditamos tê-la, tal possibilidade desaparecerá.

É evidente que jamais lutaríamos para conseguir algo que acreditamos ter. A fantasia faz nos crer que somos possuidores da individualidade, e até existem no mundo escolas que assim o ensinam. É urgente lutar contra a fantasia. Esta faz nos crer que somos isto ou aquilo, quando na realidade somos miseráveis, desavergonhados e perversos. Pensamos que somos homens, quando, de verdade, somos tão-só, mamíferos intelectuais desprovidos de individualidade.

Os mitômanos crêem-se deuses, *mahatmas* etc., sem suspeitar que sequer têm mente individual e Vontade Consciente. Os ególatras adoram tanto ao seu querido "Ego" que nunca aceitariam a idéia da multiplicidade de "Egos" dentro

do “Mim mesmo”. Os paranóicos, com todo o orgulho clássico que os caracteriza, nem sequer lerão este livro.

É indispensável travarmos uma luta de morte contra a fantasia acerca de nós mesmos, se é que não queremos ser vítimas de emoções artificiais e experiências falsas que, além de colocar-nos em situações ridículas, detêm toda possibilidade de desenvolvimento interior.

O “animal intelectual” está tão hipnotizado por sua fantasia que sonha que é leão ou águia, quando na verdade não é mais que um pobre verme do lodo da terra. O mitômano jamais aceitaria as afirmações feitas nas linhas acima; obviamente, ele se sente arqui-hierofante, não importa o que digam, sem suspeitar que a fantasia é meramente nada, nada senão fantasia.

A fantasia é uma força real que atua universalmente sobre a humanidade e que mantém o humanoíde intelectual em estado de sonho, fazendo-o crer que já é homem, que possui verdadeira individualidade, vontade, consciência desperta, mente particular etc.

Quando pensamos que somos unos, não podemos mover-nos de onde estamos em nós mesmos, permanecemos estancados e por fim degeneramos, involuímos.

Cada um de nós se encontra em determinada etapa psicológica, e não poderemos sair da mesma, a menos que descubramos diretamente todas essas pessoas ou eus que vivem dentro de nós. É claro que, mediante a auto-observação íntima, poderemos ver as pessoas que vivem em nossa psique e que necessitamos eliminá-las para lograr a transformação radical.

Esta percepção, esta auto-observação, muda fundamentalmente todos os conceitos equivocados que sobre nós tínhamos, e, como resultado, evidencia o fato concreto de que não possuímos verdadeira individualidade. Enquanto não nos auto-observemos, viveremos na ilusão de que somos unos, e, como conseqüência, nossa vida será equivocada.

Não é possível relacionar-nos corretamente com nossos semelhantes, enquanto não se realize uma mudança interior no fundo de nossa psique. Qualquer mudança íntima exige a eliminação prévia dos eus que levamos dentro de nós. De nenhuma maneira poderíamos eliminar tais eus, se não os observamos em nosso interior.

Aqueles que se sentem unos; que pensam de “Si mesmos” o melhor; que nunca aceitariam a doutrina da multiplicidade; tampouco desejam observar os eus, e, portanto, qualquer possibilidade de mudança, torna-se impossível para eles.

Não é possível mudar, se não se elimina; mas quem se sente possuidor da individualidade, se aceitasse que deve eliminar, ignoraria realmente o que deve eliminar. No entanto, não devemos esquecer que, quem crê ser uno, auto-enganado, crê que sabe o que eliminar, quando na verdade nem sequer sabe que não sabe, é um ignorante ilustrado.

Necessitamos acabar com o egoísmo para nos individualizarmos, mas quem crê que possui a individualidade, é impossível que possa eliminar o

egoísmo. A individualidade é sem por cento sagrada, raros são os que a têm, mas todos pensam que a têm.

Como poderíamos eliminar os múltiplos “Eus”, se cremos que temos um “Eu” único? Certamente, só quem jamais se auto-observou seriamente, pensa que tem um “Eu” único.

Devemos, entretanto, ser muito claros neste ensinamento, porque existe o perigo psicológico de se confundir a individualidade autêntica com o conceito de alguma espécie de “Eu superior”, ou algo do gênero. A individualidade sagrada está muito além de qualquer forma de “Eu”, é o que é, o que sempre tem sido e o que sempre será.

A legítima individualidade é o Ser, e a razão de Ser do Ser, é o mesmo Ser. Distinga-se entre o Ser e o “Eu”. Aqueles que confundem o “Eu” com o Ser, certamente nunca se auto-observaram seriamente.

Enquanto a Essência, a consciência, continua engarrafada dentro de todo esse conjunto de eus que trazemos dentro de nós, a transformação radical será totalmente impossível.

CAPÍTULO XVI

O LIVRO DA VIDA

Uma pessoa é o que é a sua vida. Isso que continua mais além da morte, é a vida.

Este é o significado do livro da vida, que se abre com a morte.

Vendo esta questão de um ponto de vista estritamente psicológico, um dia qualquer de nossa vida é realmente uma pequena réplica da totalidade da vida.

De tudo isto, pode-se inferir o seguinte: se um homem não trabalha sobre o “Mim mesmo” hoje, não mudará nunca. Quando se afirma que se quer trabalhar sobre o “Mim mesmo”, e não se trabalha hoje, adiando para amanhã, tal afirmação será um simples projeto e nada mais, porque no “hoje” está a réplica de toda a nossa existência.

Existe, por aí um, dito popular que diz: "não deixes para amanhã o que podes fazer hoje mesmo". Se um homem diz: "trabalharei sobre o “Mim mesmo”, amanhã", nunca trabalhará sobre o “Mim mesmo”, porque sempre haverá um amanhã. Isto é muito similar a certo aviso que alguns comerciantes põem em suas lojas: "Fiado, só amanhã".

Quando algum necessitado chega para solicitar crédito, encontra o terrível aviso; volta no outro dia, e encontra outra vez o malfadado letreiro. Isto é o que se chama em psicologia a "doença do amanhã". Enquanto um homem diga "amanhã", nunca mudará.

Necessitamos, com urgência máxima, inadiável, trabalhar sobre nós mesmos hoje, não sonhar preguiçosamente com um futuro ou uma oportunidade extraordinária.

Esses que dizem "vou antes fazer isto ou aquilo, e depois trabalharei", jamais trabalharão sobre o “Mim mesmo”. Esses são os moradores da terra citados nas Sagradas Escrituras. Conheci um poderoso fazendeiro que dizia: "primeiro necessito aumentar minhas propriedades, depois trabalharei sobre o Mim mesmo". Quando ficou mortalmente doente, fui visitá-lo e lhe fiz a seguinte pergunta: "ainda queres aumentar tuas propriedades"? "Lamento verdadeiramente haver perdido o tempo", me respondeu. Dias depois morreu, depois de haver reconhecido seu erro. Aquele homem tinha muitas terras, mas queria apossar-se das propriedades vizinhas, a fim de que sua fazenda ficasse limitada exatamente por quatro caminhos.

"A cada dia basta o seu afã!", disse o Grande *Kabir* Jesus. Devemos nos auto-observar hoje mesmo, no tocante ao dia sempre recorrente, miniatura de nossa vida inteira.

Quando um homem começa a trabalhar sobre o “Mim mesmo” hoje

mesmo, quando observa seus desgostos e penas, marcha pelo caminho do êxito.

Não seria possível eliminar o que não conhecemos. Devemos antes observar nossos próprios erros. Necessitamos não só conhecer nosso dia, como também nossa relação com o próprio. Há certo dia ordinário que cada pessoa experimenta diretamente, exceto os acontecimentos insólitos, inusitados. É interessante observar a recorrência diária, a repetição de palavras e acontecimentos na vida de cada pessoa etc. Essa a repetição, ou recorrência de eventos e palavras, merece ser estudada; ela nos conduz ao autoconhecimento.

CAPÍTULO XVII

CRIATURAS MECÂNICAS

De maneira alguma poderíamos negar a Lei da Recorrência, processando-se em cada momento de nossa vida. Certamente, em cada dia de nossa existência, existe repetição de eventos, estados de consciência, palavras, desejos, pensamentos, volições etc.

É óbvio que, quando alguém não se auto-observa, não pode se dar conta desta incessante repetição diária. É evidente que quem não sente interesse algum por observar-se a “Si mesmo”, tampouco deseja trabalhar para lograr uma verdadeira transformação radical.

Pelo cúmulo dos cúmulos, existem pessoas que querem se transformar, sem trabalharem sobre si mesmas. Não negamos o fato de que cada qual tem o direito à real felicidade do espírito, mas também é certo que tal felicidade seria absolutamente impossível, se não trabalhássemos sobre nós mesmos.

Alguém pode mudar intimamente, quando realmente consegue modificar suas reações ante os diversos fatos que lhe sucedem diariamente. No entanto, não poderíamos modificar nossa forma de reagir ante os fatos da vida prática, se não trabalhássemos seriamente sobre nós mesmos.

Necessitamos mudar nossa maneira de pensar, ser menos negligentes, tornar-nos mais sérios e encarar a vida de forma diferente, em seu sentido real e prático. Se continuarmos assim tal como estamos, comportando-nos da mesma forma todos os dias, repetindo os mesmos erros, com a mesma negligência de sempre, qualquer possibilidade de mudança será efetivamente eliminada.

Se alguém de verdade quer chegar a conhecer a “Si mesmo”, deve começar por observar sua própria conduta ante os acontecimentos de qualquer dia da vida. Não queremos dizer com isto que não se deva observar-se diariamente, só queremos afirmar que se deve começar por um primeiro dia.

Em tudo deve haver um começo, e começar por observar nossa conduta em qualquer dia de nossa vida, é um bom começo. Observar nossas reações mecânicas diante de todos esses pequenos detalhes que ocorrem no quarto, no lar, na sala de jantar, em casa, na rua, no trabalho etc.; observar o que foi dito e pensado é certamente o mais indicado.

O importante é ver logo de que maneira poderemos mudar essas reações; mas, se acreditamos que somos boas pessoas, que nunca nos comportamos de forma inconsciente e equivocada, nunca mudaremos.

Antes de tudo, necessitamos compreender que somos pessoas-máquinas, simples marionetes controladas por agentes secretos, por eus ocultos.

Dentro de nossa pessoa vivem muitas pessoas, nunca somos idênticos; às vezes se manifesta em nós uma pessoa mesquinha, outras vezes uma pessoa irritável, em qualquer outro instante uma pessoa esplêndida, benevolente, mais tarde uma pessoa escandalosa ou caluniadora, depois um santo, logo um trapaceiro etc. Temos gente de todo tipo dentro de cada um de nós, eus de toda espécie. Nossa personalidade não é mais que uma marionete, um boneco falante, algo mecânico.

Começemos por nos comportar conscientemente durante uma pequena parte do dia; necessitamos deixar de ser simples máquinas, ainda que durante uns breves minutos diários; isto influirá decisivamente sobre nossa existência.

Quando nos auto-observamos e não fazemos o que tal ou qual “Eu” quer, é claro que começamos a deixar de ser máquinas. Um só momento em que se está bastante consciente, como para deixar de ser máquina, se for feito voluntariamente, pode modificar radicalmente muitas circunstâncias desagradáveis.

Infelizmente, vivemos diariamente uma vida mecanicista, rotineira, absurda. Repetimos acontecimentos, nossos hábitos são os mesmos, nunca quisemos modificá-los; são os trilhos por onde circula o trem de nossa miserável existência. No entanto, pensamos de nós o melhor.

Por toda parte abundam os "mitômanos", o que se crêem Deuses; criaturas mecânicas, rotineiras, personagens do lodo da terra, míseros bonecos movidos por diversos “Eus”; pessoas assim não trabalharão jamais sobre si mesmas...

CAPÍTULO XVIII

O PÃO SUPERSUBSTANCIAL

Se observarmos cuidadosamente qualquer dia de nossa vida, veremos que, de fato, não sabemos viver conscientemente. Nossa vida parece um trem em marcha, movendo-se nos trilhos fixos dos hábitos mecânicos, rígidos, de uma existência vã e superficial. O curioso do caso é que jamais nos ocorre modificar os hábitos, parece que não nos cansamos de estar repetindo sempre o mesmo.

Os hábitos nos mantêm petrificados, mas pensamos que somos livres; somos espantosamente feios, mas nos cremos ser “Apolos”.

Somos gente mecânica, motivo mais que suficiente para carecer de todo sentimento verdadeiro do que estamos fazendo na vida.

Movemo-nos diariamente dentro dos velhos trilhos de nossos hábitos antiquados e absurdos, e assim, é claro que não temos uma verdadeira vida; em vez de viver, vegetamos miseravelmente, e não recebemos novas impressões.

Se uma pessoa iniciasse seu dia conscientemente, é claro que tal dia seria muito diferente dos outros.

Quando alguém toma a totalidade de sua vida como o mesmo dia que está vivendo, quando não deixa para amanhã o que deve fazer hoje mesmo, chega realmente a conhecer o que significa trabalhar sobre o “Mim mesmo”.

Jamais um dia carece de importância. Se, de verdade, queremos transformar-nos radicalmente, devemos ver-nos, observar-nos e compreender-nos diariamente. Entretanto, as pessoas não querem ver-se a si mesmas. Alguns, tendo vontade de trabalharem sobre “Mim mesmo”, justificam sua negligência com frases como a seguinte: "o trabalho no escritório não me permite trabalhar sobre “Mim mesmo”". Palavras sem sentido, ocas, vãs, absurdas que só servem para justificar a indolência, a preguiça, a falta de amor pela Grande Causa.

É óbvio que pessoas assim, ainda que tenham muitas inquietudes espirituais, não mudarão nunca. Observar a nós mesmos é urgente, inadiável, impostergável. A auto-observação íntima é fundamental para a mudança verdadeira.

Qual é seu estado psicológico ao levantar-se? Qual é seu estado de ânimo durante o desjejum? Esteve impaciente com o empregado? Com a esposa? Por que esteve impaciente? O que é que sempre te transtorna?

Fumar ou comer menos não é toda a mudança, mas indica certo avanço. Bem sabemos que o vício e a gula são inumanos e bestiais. Não está bem que alguém, dedicado ao Caminho Secreto, tenha um corpo físico excessivamente gordo e com um ventre avolumado e fora de toda eurritmia de perfeição. Isto indicaria gula, e até preguiça.

A vida cotidiana, a profissão, o emprego, ainda que vitais para a existência, constituem o sonho da consciência. Saber que a vida é sonho, não significa havê-lo compreendido. A compreensão vem com a auto-observação e o trabalho intenso sobre “Si mesmo”.

Para trabalhar sobre si, é indispensável trabalhar sobre sua vida diária, hoje mesmo, e então se compreenderá o que significa aquela frase da Oração do Senhor: "o Pão nosso de cada dia dá-nos hoje". A expressão "Cada Dia" significa o "Pão Supersubstancial" em grego, ou o "Pão do Alto".

A *Gnose* dá esse Pão de Vida no duplo sentido de idéias e forças que nos permitem desintegrar erros psicológicos. Cada vez que reduzimos a poeira cósmica tal ou qual “Eu”, ganhamos experiência psicológica, comemos o "Pão da Sabedoria", recebemos um novo conhecimento.

A *Gnose* nos oferece o "Pão Supersubstancial", o "Pão da Sabedoria", e nos assinala com precisão a nova vida que começa em nós mesmos, dentro de nós mesmos, aqui e agora.

Ninguém pode alterar sua vida ou mudar coisa alguma relacionada com as reações mecânicas da existência, a menos que conte com a ajuda de novas idéias e receba auxílio Divinal.

A *Gnose* dá essas novas idéias e ensina o *modus operandi* mediante o qual se pode ser assistido por forças superiores à mente.

Necessitamos preparar os centros inferiores de nosso organismo para receber as idéias e forças que vêm dos centros superiores.

No trabalho sobre o “Mim mesmo” não existe nada depreciável. Qualquer pensamento, por insignificante que seja, merece ser observado. Qualquer emoção negativa, reação etc., deve ser observada.

CAPÍTULO XIX

O BOM DONO DE CASA

Nestes tempos tenebrosos, separar-se dos efeitos desastrosos da vida, é certamente muito difícil; mas indispensável, porquanto, de outro modo, se é devorado pela vida.

Qualquer trabalho que alguém faça sobre o “Mim mesmo”, com o propósito de conseguir um desenvolvimento anímico e espiritual, relaciona-se sempre com o isolamento – muito bem entendido – pois, sob a influência da vida tal como sempre a vivemos, não é possível desenvolver outra coisa que a personalidade.

De modo algum tencionamos opor-nos ao desenvolvimento da personalidade; obviamente esta é necessária para a existência; mas com certeza é algo meramente artificial, não é o verdadeiro, o Real em nós.

Se o pobre “mamífero intelectual”, equivocadamente chamado homem, não se isola; mas se identifica com os acontecimentos da vida prática e dissipa suas forças em emoções negativas, em autoconsiderações pessoais e no inútil palavreado insubstancial e nada edificante; nenhum elemento real pode desenvolver-se nele, exceto o que pertence ao mundo da mecanicidade.

Certamente, quem quiser de verdade conseguir em “Mim mesmo” o desenvolvimento da Essência, deve ficar hermeticamente fechado. Isto se refere a algo íntimo, estritamente relacionado com o silêncio.

A frase vem dos antigos tempos, quando se ensinava secretamente uma Doutrina sobre o desenvolvimento interior do homem, vinculada com o nome de Hermes.

Se alguém tem escapes de energia e não está isolado em sua intimidade, é indubitavelmente que não poderá conseguir o desenvolvimento de algo real em sua psique.

A vida ordinária, comum e corrente, quer devorar-nos implacavelmente; devemos lutar contra a vida diariamente, devemos aprender a nadar contra a correnteza.

Este trabalho vai contra a vida, trata-se de algo muito diferente do de todos os dias, e que, contudo, devemos praticar de instante a instante. Refiro-me à Revolução da Consciência.

É evidente que, se nossa atitude para com a vida diária é fundamentalmente equivocada, se acreditamos que tudo deve marchar bem, apenas porque assim o queremos, virão os desenganos.

As pessoas querem que as coisas saiam bem para elas porque tudo "deve ir de acordo com seus planos"; mas a crua realidade é diferente; enquanto

alguém não mudar interiormente, goste ou não goste, será sempre vítima das circunstâncias.

Fala-se e escreve-se sobre a vida muitas idiotices sentimentais, mas este “Tratado de Psicologia Revolucionária” é diferente. Esta doutrina vai ao grão, aos fatos concretos, claros e definitivos; afirma enfaticamente que o “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, é um bípede mecânico, inconsciente, adormecido.

"O bom dono de casa" jamais aceitaria a Psicologia Revolucionária; cumpre com todos os seus deveres como pai, esposo etc., e por isso pensa o melhor de “Si mesmo”. Entretanto, só serve aos fins da natureza, e isso é tudo.

Por outro lado, também existe o "bom dono de casa" que nada contra a correnteza, que não quer deixar-se devorar pela vida; mas estes últimos são muitos raros no mundo, nunca abundantes. Quando alguém pensa de acordo com as idéias deste “Tratado de Psicologia Revolucionária”, obtém uma correta visão da vida.

CAPÍTULO XX

OS DOIS MUNDOS

Observar e se observar são duas coisas completamente diferentes, contudo ambas exigem atenção. Na observação, a atenção é orientada para fora, para o mundo exterior, através das janelas dos sentidos. Na auto-observação de “Si mesmo”, a atenção é orientada para dentro, e para isso os sentidos de percepção externa não servem. Este motivo é mais do que suficiente para que seja difícil ao neófito a observação dos seus processos psicológicos íntimos.

O ponto de partida da ciência oficial, em seu lado prático, é o observável. O ponto de partida do trabalho sobre “Si mesmo” é a auto-observação, o auto-observável.

Inquestionavelmente, estes dois pontos de partida supracitados levam-nos em direções completamente diferentes.

Alguém poderia envelhecer engarrafado dentro dos dogmas intransigentes da ciência oficial, estudando fenômenos externos, observando células, átomos, moléculas, sóis, estrelas, cometas etc., sem experimentar dentro de “Si mesmo” nenhuma mudança radical.

A classe de conhecimento que transforma interiormente a alguém, jamais poderia ser conseguida mediante a observação externa. O verdadeiro conhecimento, aquele que realmente pode originar em nós uma mudança interior fundamental, tem por embasamento a auto-observação direta de “Si mesmo”.

É urgente dizer aos nossos estudantes gnósticos que se auto-observem, em que sentido devem auto-observar-se e as razões para isso. A observação é um meio para modificar as condições mecânicas do mundo. A auto-observação interior é um meio para mudarmos intimamente.

Como conseqüência ou corolário de tudo isto, podemos e devemos afirmar, de forma enfática, que existem duas classes de conhecimento, o externo e o interno, e que, a menos que tenhamos em nós mesmos o centro magnético que possa diferenciar as qualidades do conhecimento, esta mescla dos dois planos ou ordens de idéias poderia levar-nos à confusão.

Sublimes doutrinas pseudos esotéricas, com marcado cientificismo como "plano de fundo", pertencem ao terreno do observável. No entanto, são aceitas por muitos aspirantes como conhecimento interno.

Encontramo-nos, pois ante dois mundos, o exterior e o interior. O primeiro destes é percebido pelos sentidos de percepção externa; o segundo só pode ser percebido mediante o sentido de auto-observação interna.

Pensamentos, idéias, emoções, anseios, esperanças, desenganos etc., são

interiores, invisíveis para os sentidos ordinários; no entanto, são mais reais que a mesa de refeição ou as poltronas da sala.

Certamente, vivemos mais em nosso mundo interior que no exterior; isto é irrefutável, irrefutável. Em nossos mundos internos, em nosso mundo secreto, amamos, desejamos, suspeitamos, bendizemos, maldizemos, anelamos, sofremos, gozamos, somos defraudados, premiados etc.

Inquestionavelmente, os dois mundos, interno e externo, são verificáveis experimentalmente. O mundo exterior é o observável. O mundo interior é o auto-observável em "Si mesmo" e dentro de "Si mesmo", aqui e agora.

Quem de verdade quiser conhecer os "mundos internos" do planeta Terra, do Sistema Solar ou da Galáxia em que vivemos, deve conhecer previamente seu mundo íntimo, sua vida interior, particular, seus próprios "Mundos Internos". "Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os Deuses!".

Quanto mais explorar este "Mundo Interior" chamado "Si mesmo", mais compreenderá que vive simultaneamente em dois mundos, em duas realidades, em dois âmbitos, o exterior e o interior.

Do mesmo modo que é indispensável a alguém aprender a caminhar no mundo exterior, para não cair em um precipício, não se extraviar nas ruas da cidade, não se associar com perversos, não comer veneno etc., assim também, mediante o trabalho psicológico sobre nós mesmos, aprendemos a caminhar no "mundo interior", o qual é explorável mediante a auto-observação de si.

Realmente, o sentido de auto-observação de "Si mesmo" encontra-se atrofiado na raça humana decadente desta época tenebrosa em que vivemos. À medida que perseveramos na auto-observação de nós mesmos, o sentido de auto-observação íntima irá se desenvolvendo progressivamente.

CAPÍTULO XXI

OBSERVAÇÃO DE SI MESMO

A auto-observação íntima de “Si mesmo” é um meio prático para obter uma transformação radical.

Conhecer e observar são coisas diferentes. Muitos confundem a observação de si, como o conhecer. Temos conhecimento de que estamos sentados em uma cadeira em uma sala, mas isto não significa que estamos observando a cadeira.

Conhecemos que, em um dado instante, nos encontramos em um estado negativo, talvez com algum problema ou preocupação por este ou aquele assunto, ou em estado de desassossego ou incerteza etc., mas isto não significa que o estejamos observando.

Você sente antipatia por alguém? Não lhe agrada certa pessoa? Por quê? Você dirá que conhece essa pessoa... Por favor! Observe-a, conhecer nunca é observar; não confunda o conhecer com o observar.

A observação de si que é cem por cento ativa, um meio para a transformação de si; enquanto o conhecer, que é passivo, não é ativo.

Certamente, conhecer não é um ato de atenção. A atenção dirigida para dentro de “Si mesmo”, para o que está sucedendo em nosso interior, sim, é algo positivo, ativo.

No caso de uma pessoa por quem tenhamos antipatia, apenas porque nos desagrada, muitas vezes sem motivo algum, observa-se a multidão de pensamentos que se acumulam na mente: grupos de vozes que falam e gritam desordenadamente dentro de nós mesmos, observamos o que estão dizendo as emoções desagradáveis advindas de nosso interior, o sabor desagradável que tudo isso deixa em nossa psique etc.

Obviamente, em tal estado, nós nos damos conta também de que, interiormente, estamos tratando muito mal a pessoa a quem temos antipatia. Mas, para ver tudo isto, se necessita, sem dúvida, de uma atenção dirigida intencionalmente para dentro de “Si mesmo”, não de uma atenção passiva. A atenção dinâmica provém realmente do lado observante, enquanto os pensamentos e as emoções pertencem à parte que é observada.

Tudo isto nos faz compreender que o conhecer é algo completamente passivo e mecânico, em contraste com a observação de si, que é um ato consciente.

Não queremos com isto dizer que não exista a observação mecânica de si, mas tal tipo de observação nada tem a ver com a auto-observação psicológica a que estamos nos referindo.

Pensar e observar são também muito diferentes. Qualquer sujeito pode dar-se ao luxo de pensar sobre “Si mesmo” tudo o que queira, mas isto não quer dizer que esteja se observando realmente.

Necessitamos ver aos diferentes “Eus” em ação, descobri-los em nossa psique, compreender que dentro de cada um deles existe uma porcentagem de nossa própria consciência, arrependê-los de havê-los criado etc. Então exclamaremos: "mas o que está fazendo este “Eu”? O que está dizendo? O que é que quer? Por que me atormenta com sua luxúria, com sua ira, etc.?" Então, veremos dentro de nós mesmos todo esse trem de pensamentos, emoções, desejos, paixões, comédias privadas, dramas pessoais, elaboradas mentiras, discursos, desculpas, luxúria, leitões de prazer, quadros de lascívia etc.

Muitas vezes, antes de dormirmos, no preciso momento de transição entre a vigília e o sono, sentimos dentro de nossa própria mente diferentes vozes que falam entre si. São os diferentes eus que devem romper, em tais momentos, toda conexão com os diferentes centros de nossa máquina orgânica, a fim de submergirem, em seguida, no mundo molecular da "Quinta Dimensão".

CAPÍTULO XXII

A TAGARELICE

Torna-se urgente, inadiável, impostergável, observar a tagarelíce interior e o lugar preciso de onde provém.

Indiscutivelmente, a conversa interior equivocada é a *causa causorum* de estados psíquicos inarmônicos e desagradáveis no presente e também no futuro.

Obviamente, esse palavreado inútil, insubstancial e de sentido ambíguo; e em geral toda ação prejudicial, daninha, absurda, manifestada no mundo exterior, tem sua origem na conversação interior equivocada.

Sabe-se que existe na *Gnosis* a prática esotérica do silêncio interior; isto o conhece nossos discípulos de "Terceira Câmara".

Não será supérfluo dizer com inteira claridade que o silêncio interior deve referir-se, especificamente, a algo muito preciso e definido. Quando o processo do pensar se esgota intencionalmente durante a meditação interior profunda, consegue-se o silêncio interior, mas não é isto o que queremos explicar no presente capítulo. "Esvaziar a mente" ou "pô-la em branco" para conseguir realmente o silêncio interior, tampouco é o que intentamos explicar agora nestes parágrafos.

Praticar o silêncio interior a que estamos nos referindo, tampouco significa impedir que algo penetre na mente. Realmente, estamos falando agora de um tipo de silêncio interior muito diferente. Não se trata de algo vago e geral. Queremos praticar o silêncio interior em relação a algo que já esteja na mente: pessoa, acontecimento, assunto próprio ou alheio, o que nos falaram, o que fez fulano etc.; mas sem tocá-lo com a língua interior, sem discurso íntimo.

Aprender a calar não somente com a língua exterior, mas também, além disso, a língua secreta, interna, resulta extraordinário, maravilhoso.

Muitos calam exteriormente, mas com sua língua interior esfolam vivo ao próximo. A tagarelíce interior venenosa e malévola produz confusão interior. Se observarmos a tagarelíce interior equivocada, veremos que está feita de meias verdades, ou de verdades que se relacionam de um modo mais ou menos incorreto, ou do algo que se agregou ou se omitiu.

Desgraçadamente, nossa vida emocional se fundamenta exclusivamente na "auto-simpatia". Para o cúmulo de tanta infâmia, só simpatizamos conosco mesmos, com nosso "querido Ego", e sentimos antipatia e até ódio daqueles que não simpatizam conosco. Valorizamos demasiadamente a nós mesmos, somos cem por cento narcisistas, isto é irrefutável, irrefutável.

Enquanto continuemos bloqueados na "auto-simpatia", qualquer desenvolvimento do Ser tornar-se absolutamente impossível. Necessitamos

aprender a ver o ponto de vista alheio. É urgente sabermos colocar-nos na posição dos outros. "Tudo o que quereis que os homens vos façam, assim também fazei vós a eles" (Mateus VII, 12).

O que, de verdade, conta nestes estudos, é a maneira como os homens se comportam interna e invisivelmente uns com os outros. Infelizmente, ainda que sejamos muito corteses e, até sinceros, às vezes, não há dúvida de que, invisível e internamente, nos tratamos muito mal uns aos outros. Pessoas aparentemente muito bondosas arrastam diariamente seus semelhantes até a cova secreta de "Si mesmo", para fazer com estes todos os seus caprichos (humilhações, enganações, escárnio etc.).

CAPÍTULO XXIII

O MUNDO DAS RELAÇÕES

O mundo das relações tem três aspectos muito diferentes, que necessitamos aclarar de forma precisa.

Primeiro: estamos relacionados com o corpo planetário, ou seja, com o corpo físico. Segundo: vivemos no Planeta Terra e, como conseqüência lógica, estamos relacionados com o mundo exterior e com as questões atinentes a nós: assuntos familiares, negócios, finanças, questões profissionais, política etc. Terceiro: a relação do homem consigo mesmo. Para a maioria das pessoas este tipo de relação não tem a menor importância.

Desafortunadamente, as pessoas só se interessam pelos dois primeiros tipos de relações, olhando, com a mais absoluta indiferença, o terceiro tipo. Alimento, saúde, dinheiro, negócios, constituem realmente as principais preocupações do “animal intelectual”, equivocadamente chamado “homem”.

Torna-se evidente que tanto o corpo físico como os assuntos do mundo, são exteriores a nós mesmos. O corpo planetário (corpo físico) às vezes se encontra enfermo, às vezes sadio, e assim sucessivamente. Cremos sempre ter algum conhecimento do nosso corpo físico; mas, na realidade, nem os melhores cientistas do mundo sabem muito sobre o corpo de carne e osso. Não há dúvida de que o corpo físico, dada sua tremenda e complicada organização, está certamente muito além de nossa compreensão.

No que diz respeito ao segundo tipo de relações, somos sempre vítimas das circunstâncias. É lamentável que ainda não tenhamos aprendido a determinar conscientemente as circunstâncias. São muitas as pessoas incapazes de se adaptarem às coisas ou às pessoas ou ter verdadeiro êxito na vida.

Ao pensar em nós mesmos do ponto de vista do trabalho esotérico Gnóstico, faz-se urgente averiguar com qual destes três tipos de relações estamos em falta.

Pode suceder o caso concreto de que estejamos equivocadamente relacionados com o corpo físico e, em conseqüência disto, podemos estar enfermos. Pode suceder que estejamos mal relacionados com o mundo exterior e, como resultado, tenhamos conflitos, problemas econômicos e sociais etc. Pode ser que estejamos mal relacionados conosco mesmos e, conseqüentemente, soframos muito por falta de iluminação interior.

Obviamente, se a lâmpada de nosso quarto não se encontra conectada com a instalação elétrica, nosso aposento estará em trevas. Aqueles que sofrem por falta de iluminação interior devem conectar sua mente com os Centros Superiores de seu Ser.

Sem sobras de dúvidas, necessitamos estabelecer corretas relações não só com nosso corpo planetário (corpo físico) e com o mundo exterior, como também com cada uma das partes de nosso próprio Ser.

Os doentes pessimistas, cansados de tantos médicos e remédios, já não desejam curar-se; os pacientes otimistas lutam por viver. No cassino de Monte Carlo, muitos milionários que perderam sua fortuna no jogo suicidaram-se. Enquanto isso, milhões de mães pobres trabalham para sustentar seus filhos. São incontáveis os aspirantes deprimidos que, por falta de poderes psíquicos e de iluminação íntima, renunciaram ao trabalho esotérico sobre “Si mesmo”. Poucos são os que sabem aproveitar as adversidades. Em tempos de rigorosa tentação, abatimento e desolação, deve-se apelar para a íntima recordação de “Si mesmo”.

No fundo de cada um de nós, está a Tonantzin asteca, a Stella Maris, a Ísis egípcia, Deus-Mãe, aguardando-nos para curar nosso dolorido coração. Quando alguém dá a “Si mesmo” o choque da "recordação de si", produz realmente uma transformação milagrosa em todo o trabalho do corpo, de modo que as células recebem um alimento diferente.

CAPÍTULO XXIV

A CANÇÃO PSICOLÓGICA

Chegou o momento de refletir muito seriamente sobre isso que se chama "consideração interna".

Não cabe a menor dúvida sobre o aspecto desastroso da "autoconsideração íntima", pois, além de hipnotizar a consciência, ela nos faz perder muitíssima energia.

Caso a pessoa não cometesse o erro de identificar-se bastante consigo mesma, a autoconsideração interior seria totalmente impossível. Quando alguém se identifica consigo mesmo, quando se quer muito, sente piedade de "Si mesmo" e se autoconsidera, pensa que sempre se portou bem com fulano, com sicrano, com a mulher, com os filhos etc., e que ninguém soube apreciá-lo etc. Em suma, pensa que é um santo, e os outros uns malvados, uns velhacos.

Uma das formas mais comuns da autoconsideração íntima é a preocupação pelo que os outros possam pensar sobre nós mesmos; talvez suponham que não somos honrados, sinceros, verídicos, valentes etc. O mais curioso de tudo isso é que ignoramos lamentavelmente a enorme perda de energia que esse tipo de preocupações traz para todos nós. Muitas atitudes hostis para com certas pessoas, que mal algum nos fizeram, devem-se precisamente a tais preocupações nascidas da autoconsideração íntima.

Nestas circunstâncias, quando se quer tanto a "Si mesmo", considerando-se deste modo, é claro que o "Eu", ou melhor, dizendo, os "Eus", em vez de se extinguirem, fortalecem-se espantosamente. Identificada consigo mesma, a pessoa se apieda muito de sua própria situação, e até se põe a fazer contas. Então pensa que fulano, sicrano, o compadre, a comadre, o vizinho, o patrão, o amigo etc., não lhe pagaram como devia, apesar de suas costumeiras bondades, e, engarrafado nisso, torna-se insuportável e aborrecedor para todo mundo.

Com um sujeito assim, praticamente não se pode falar, porque qualquer conversa seguramente vai parar no seu livro de contas e em seus tão cacarejados sofrimentos. Está escrito que, no trabalho esotérico Gnóstico, o crescimento anímico só é possível mediante o perdão aos outros.

Se alguém vive de instante em instante, de momento em momento, sofrendo pelo que lhe devem, pelo que lhe fizeram, pelas amarguras que lhe causaram, sempre com sua mesma canção, nada poderá crescer em seu interior. A Oração do Senhor disse: "perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores".

O sentimento de que alguém nos deve, a dor pelos males que os outros nos causaram etc., detém o progresso interior da alma. Jesus, o Grande *Kabir*, disse:

"entra em acordo, sem demora, com o teu adversário, enquanto está em caminho com ele, para que não suceda que te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo, dali não sairás, antes de teres pagado o último centavo" (Mateus V, 25,26).

Se nos devem, devemos. Se exigimos que nos paguem até o último centavo, devemos pagar antes até o último centavo. Esta é a "Lei de Talião": "olho por olho e dente por dente", círculo vicioso, absurdo. As desculpas, satisfações e humilhações que a outros exigimos, pelos males que nos causaram, são também exigidas a nós, ainda que nos consideremos mansas ovelhas.

Colocar-se sob leis desnecessárias, é absurdo; melhor é colocar-se sob novas influências. A Lei da Misericórdia é uma influência mais elevada que a Lei do homem violento, "olho por olho, dente por dente".

É urgente, indispensável, inadiável, colocar-nos inteligentemente sob as influências maravilhosas do trabalho esotérico gnóstico, esquecer aqueles que nos devem; e eliminar de nossa psique qualquer forma de autoconsideração.

Jamais devemos admitir dentro de nós sentimentos de vingança, ressentimento, emoções negativas, ansiedades pelos males que nos causaram violência, inveja, recordação incessante de dívidas etc. A *Gnosis* está destinada àqueles aspirantes sinceros que verdadeiramente queiram trabalhar e mudar.

Observando as pessoas, podemos evidenciar de forma direta que cada uma tem sua própria canção. Cada qual canta sua própria canção psicológica. Quero referir-me de modo enfático a essa questão das contas psicológicas, sentir que lhe devem, queixar-se, autoconsiderar-se etc. Às vezes, as pessoas cantam sua canção "sem que nem porque", "sem que se lhes dê corda", sem que se as estimule, e, em outras ocasiões, depois de umas quantas taças de vinho.

Nossa aborrecida canção deve ser eliminada, ela nos incapacita, nos rouba muita energia.

Em questão de Psicologia Revolucionária, alguém que canta muito bem – não nos referimos à formosa voz nem ao canto físico – certamente não pode ir além de “Si mesmo”, fica no passado. Uma pessoa impedida por tristes canções, não pode mudar seu nível de Ser, não pode ir além do que é.

Para passar a um nível superior do Ser, é preciso deixar de ser o que se é, necessitamos não ser o que somos. Se continuarmos sendo o que somos, nunca poderá passar a um nível superior do Ser.

No terreno da vida prática, acontecem coisas insólitas. Frequentemente, uma pessoa qualquer trava amizade com outra, só porque é fácil cantar sua canção para ela. Infelizmente, esse tipo de relação termina, quando se pede ao cantor que se cale, que "mude o disco", que fale de outra coisa etc. Então, o cantor, ressentido, se vai em busca de um novo amigo, de alguém que esteja disposto a escutá-lo por tempo indefinido. O cantor exige compreensão. Alguém que o compreenda, como se fosse tão fácil compreender outra pessoa. Para compreender outra pessoa é preciso compreender a “Si mesmo”. Infelizmente, o bom cantor crê que compreende a “Si mesmo”.

São muitos os cantores decepcionados que cantam a canção de não serem

compreendidos e sonham com um mundo maravilhoso onde eles são as figuras centrais. Contudo, nem todos os cantores são públicos, existem também os reservados, não cantam a sua canção diretamente, mas secretamente. São gente que trabalhou muito, que sofreu muito, e se sente defraudada, pensa que a vida lhes deve tudo aquilo que não foram capazes de conseguir.

Comumente sentem uma tristeza interior, uma sensação de monotonia e aborrecimento espantoso, cansaço íntimo ou frustração ao redor da qual se amontoam os pensamentos.

Inquestionavelmente, as canções secretas fecham-nos a passagem no caminho da auto-realização íntima do Ser. Infelizmente, tais canções interiores, secretas, passam despercebidas para nós, a menos que as observemos intencionalmente.

Obviamente, toda observação de “Si mesmo” deixa penetrar a luz na própria pessoa, em suas profundidades íntimas. Nenhuma mudança interior poderia ocorrer em nossa psique, a não ser à luz da observação de si. É indispensável observar a “Si mesmo”, estando só, do mesmo modo que ao estar em relação com as pessoas.

Quando alguém está só, se apresentam “Eus” muito diferentes, outros pensamentos, emoções negativas etc. Nem sempre se está bem acompanhado, quando se está só. É apenas normal, é muito natural, está muito mal acompanhado em plena solidão. Os “Eus” mais negativos e perigosos se apresentam, quando se está só.

Se quisermos transformar-nos radicalmente, necessitamos sacrificar nossos próprios sofrimentos. Muitas vezes expressamos nossos sofrimentos em canções articuladas ou não articuladas.

CAPÍTULO XXV

RETORNO E RECORRÊNCIA

Um homem é o que é sua vida. Se um homem não modifica nada dentro de “Si mesmo”, se não transforma radicalmente sua vida, se não trabalha sobre o “Mim mesmo”, está perdendo seu tempo miseravelmente.

A morte é o regresso ao próprio começo de sua vida, com a possibilidade de repeti-la novamente. Muito se disse na literatura pseudo-esotérica e pseudo-ocultista sobre o tema das vidas sucessivas. Melhor é que nos ocupemos das existências sucessivas.

A vida de cada um de nós, com todos os seus tempos, é sempre a mesma, repetindo-se de existência em existência, através dos inumeráveis séculos. Inquestionavelmente, continuamos na semente de nossos descendentes, isto é algo que já está demonstrado. A vida de cada um de nós, em particular, é um filme vivo que ao morrer levamos para a eternidade. Cada um de nós leva seu filme e torna a trazê-lo para projetá-lo outra vez na tela de uma nova existência. A repetição de dramas, comédias e tragédias é um axioma fundamental da Lei de Recorrência. Em cada nova existência repetem-se sempre as mesmas circunstâncias.

Os atores de tais cenas, sempre repetidas, são essas pessoas que vivem em nosso interior, os “Eus”. Se desintegrarmos esses atores, esses “Eus” que originam as sempre repetidas cenas de nossa vida, então a repetição de tais circunstâncias far-se-ia impossível. Obviamente, sem atores não pode haver cenas, isto é irrefutável, irrefutável. Assim é como podemos libertar-nos das Leis de Retorno e Recorrência, podemos nos tornar livres de verdade.

Obviamente, cada um dos personagens (eus) que em nosso interior levamos, repete, de existência em existência, seu mesmo papel. Se o desintegramos, se o ator morre, o papel termina.

Refletindo seriamente sobre a Lei de Recorrência, ou repetição das cenas em cada Retorno, descobrimos, por auto-observação íntima, os mecanismos secretos desta questão. Se na existência passada, na idade de vinte e cinco anos, tivemos uma aventura amorosa, é indubitável que o “Eu” de tal compromisso, buscará a mulher dos seus sonhos aos vinte e cinco anos da nova existência. Se a mulher em questão só tinha então quinze anos, o “Eu” de tal aventura buscará seu amado na mesma idade na nova existência.

É fácil compreender que os dois “Eus”, tanto o dele como o dela, se buscam telepaticamente e se reencontram, para repetir a mesma aventura da existência passada.

Dois inimigos que lutaram até a morte na existência passada, encontrar-se-

ão outra vez na nova existência, para repetir sua tragédia na idade correspondente. Se duas pessoas tiveram uma disputa por bens de imóveis, na idade de quarenta anos na existência passada, na mesma idade se buscarão telepaticamente na nova existência, para repetir o mesmo.

Dentro de cada um de nós, vivem muitas pessoas cheias de compromissos, isso é irrefutável. Um ladrão leva em seu interior um covil de ladrões, com diversos compromissos delituosos. O assassino leva dentro de “Si mesmo” um "clube" de assassinos, e o luxurioso leva em sua *psique* uma "casa de encontros".

O grave de tudo isso é que o intelecto ignora a existência de tais pessoas ou “Eus” dentro de nós mesmos, e também os compromissos que fatalmente vão se cumprindo.

Todos esses compromissos dos eus que moram dentro de nós, acontecem por baixo de nossa razão. São fatos que ignoramos, coisas que nos sucedem, acontecimentos que se processam no subconsciente e inconsciente.

Com justa razão foi-nos dito que tudo nos acontece, como quando chove ou quando troveja. Realmente temos a ilusão de fazer; mas nada fazemos, tudo nos acontece, isto é fatal, mecânico. Nossa personalidade é tão só um instrumento de diferentes pessoas (eus), mediante a qual cada uma dessas pessoas (eus) cumpre seus compromissos.

Por baixo da nossa capacidade cognitiva, ocorrem muitas coisas, e desgraçadamente ignoramos o que se passa por baixo de nossa pobre razão. Consideramo-nos sábios, quando em verdade nem sequer sabemos que não sabemos. Somos míseros troncos arrastados pelas ondas embravecidas do mar da existência.

Sair desta desgraça, desta inconsciência, deste estado tão lamentável em que nos encontramos, só é possível morrendo em nós mesmos. Como poderíamos despertar sem previamente morrer? Só com a morte advém o novo! Se o gérmen não morrer, a planta não nasce.

Quem desperta de verdade adquire, por tal motivo, plena objetividade de sua consciência, iluminação autêntica, felicidade.

CAPÍTULO XXVI

AUTOCONSCIÊNCIA INFANTIL

Foi-nos dito muito sabiamente que temos noventa e sete por cento de subconsciência e três por cento de consciência.

Falando francamente e sem rodeios, diremos que noventa e sete por cento da Essência que levamos em nosso interior encontram-se engarrafados, embutidos, absorvidos dentro de cada um dos eus que, em seu conjunto, constituem o “Mim mesmo”.

Obviamente, a Essência ou Consciência engarrafada dentro de cada “Eu”, processa-se em virtude de seu próprio condicionamento.

Qualquer “Eu” desintegrado libera determinada porcentagem de Consciência, a emancipação ou liberação da Essência ou Consciência seria impossível sem a desintegração de cada “Eu”. Maior quantidade de eus desintegrados, maior Autoconsciência. Menor quantidade de eus desintegrados, menor porcentagem de Consciência desperta.

O despertar da Consciência só é possível dissolvendo o “Eu”, morrendo em nós mesmos, aqui e agora.

Inquestionavelmente, enquanto a Essência ou Consciência esteja embutida dentro de cada um dos eus que carregamos em nosso interior, encontra-se adormecida, em estado subconsciente.

É urgente transformar o subconsciente em consciente, e isto só é possível aniquilando os eus, morrendo em nós mesmos. Não é possível despertar sem haver previamente morrido em “Si mesmo”.

Os que tentam despertar primeiro para depois morrer, não possuem experiência real do que afirmam, marcham resolutamente pelo caminho do erro.

As crianças recém-nascidas são maravilhosas, gozam de plena autoconsciência, encontram-se totalmente despertas. Dentro do corpo de cada criança recém-nascida, encontra-se reincorporada a Essência, e isso dá à criatura sua beleza.

Não queremos dizer que cem por cento da Essência ou Consciência estejam reincorporados no recém-nascido, mas sim os três por cento livres, que normalmente não estão engarrafados nos “Eus”. No entanto, essa porcentagem de Essência livre reincorporada dentro do organismo das crianças recém-nascidas, dá-lhes plena autoconsciência e lucidez.

Os adultos vêem o recém-nascido com piedade e pensam que a criatura encontra-se inconsciente, mas se equivocam lamentavelmente. O recém-nascido vê o adulto tal como em realidade é: inconsciente, cruel, perverso etc.

Os eus do recém-nascido vão e vêm, dão voltas ao redor do berço,

querendo meter-se no novo corpo. Mas, devido a que o recém-nascido ainda não fabricou a personalidade, toda tentativa dos eus para entrar no novo corpo resulta completamente impossível.

Às vezes o bebê se espanta ao ver esses fantasmas ou eus que se aproximam de seu berço, e então gritam, choram, mas os adultos não entendem isso e supõem que a criança está doente, ou que tem fome ou sede: tal é a inconsciência dos adultos.

À medida que a nova personalidade vai se formando, os eus que vêm de existências anteriores, vão penetrando pouco a pouco no novo corpo. Quando a totalidade dos eus já se reincorporou, aparecemos no mundo com essa horrível feiúra interior que nos caracteriza, então andamos como sonâmbulos por todas as partes, sempre inconscientes, sempre perversos.

Quando morremos, três coisas vão para o sepulcro: 1) o corpo físico; 2) o fundo vital orgânico; 3) a personalidade. O fundo vital vai se desintegrando gradualmente, como um fantasma, ante a cova sepulcral, à medida que o corpo físico vai também se desintegrando. A personalidade é subconsciente ou infraconsciente, entra e sai do sepulcro cada vez que quer, alegra-se quando os desconsolados lhe levam flores, ama seus familiares, e vai se dissolvendo lentamente em poeira cósmica.

Isso que continua mais além do sepulcro é o “Ego”, o “Eu” pluralizado, o “Mim mesmo”, um montão de diabos dentro dos quais se encontra engarfada a Essência, a Consciência, que em seu tempo e em sua hora retorna, se reincorpora.

É lamentável que, ao se fabricar a nova personalidade da criança, se reincorporem também os “Eus”.

CAPÍTULO XXVII

O PUBLICANO E O FARISEU

Refletindo um pouco sobre as diversas circunstâncias da vida, bem vale a pena compreender seriamente as bases sobre as quais descansamos.

Uma pessoa descansa sobre sua posição social; outra sobre o dinheiro; aquela sobre o prestígio; aqueloutra sobre seu passado, outra mais sobre tal ou qual título etc. O mais curioso é que todos, sejam ricos ou mendigos, necessitamos de todos e vivemos de todos, ainda que estejamos inflados de orgulho e vaidade.

Pensemos um momento no que podem tirar-nos. Qual seria nossa sorte em uma revolução sangrenta? Como ficariam as bases sobre as quais descansamos? Ai de nós! Cremo-nos muito fortes e somos espantosamente débeis!

O "Eu" que sente em "Si mesmo" a base sobre a qual descansamos, deve ser dissolvido, se é que, em realidade, desejamos a autêntica bem-aventurança. Tal "Eu" subestima as pessoas, sente-se melhor que todo o mundo, mais perfeito em tudo, mais rico, mais inteligente, mais esperto na vida etc.

Resulta oportuno citar agora aquela parábola de Jesus, o Grande *Kabir*, acerca dos dois homens que oravam. Foi dita para os que confiavam em "Si mesmo" como justos e menosprezavam aos outros.

Jesus, o Cristo, disse: "subiram dois homens ao templo para orar, um era fariseu, o outro, publicano. O fariseu, de pé, orava consigo mesmo desta forma: "graças te dou, ó Deus, que não sou como os demais homens, ladrões, injustos e adúlteros, nem como o publicano que está ali. Jejuo duas vezes por semana e pago a décima parte dos meus lucros". O publicano, porém, mantendo-se a distância, não ousava sequer levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador". Digo-vos que este voltou para casa justificado, e não o outro, porque todo o que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado" (Lucas, XVIII, 10-14).

Começar a se dar conta da própria nulidade e miséria em que nos encontramos é absolutamente impossível, enquanto exista em nós esse conceito do "mais". Exemplos: eu sou mais justo que aquele, mais sábio que fulano, mais virtuoso que beltrano, mais rico, mais esperto nas coisas da vida, mais casto, mais cumpridor dos deveres etc.

Não é possível passar através do buraco de uma agulha, enquanto sejamos "ricos", enquanto exista em nós esse conceito do "mais". "É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino de Deus".

Isso de que minha escola é a melhor e de que a do próximo não serve; isso de que minha religião é a única verdadeira e todas as outras são falsas e

perversas; isso de que a mulher de fulano é uma péssima esposa e a minha é uma santa; de que meu amigo Roberto é um bêbado e eu sou um homem muito judicioso e abstinente etc.; isso é o que nos faz nos sentirmos ricos, motivo pelo qual somos todos como os "camelos" da parábola bíblica, com relação ao trabalho esotérico.

É urgente nos auto-observarmos de momento em momento, com o propósito de conhecer claramente os fundamentos sobre os quais descansamos. Quando alguém descobre aquilo que mais o ofende em um dado momento, o incômodo que lhe deram por tal ou qual coisa, então descobre as bases sobre as quais descansa psicologicamente. Tais bases constituem, segundo o Evangelho Cristão, "as areias sobre as quais cada um edificou sua casa".

É necessário anotar cuidadosamente como e quando se desprezou aos outros, sentindo-se superior, talvez devido ao título ou à posição social, ou à experiência adquirida, ou ao dinheiro etc. É grave sentir-se rico, superior a fulano ou a sicrano, por tal ou qual motivo. Gente assim não pode entrar no Reino dos Céus.

É bom que cada um de nós descubra em que se sente lisonjeado, em que é satisfeita sua vaidade; isso virá mostrar-nos os fundamentos sobre os quais nos apoiamos.

Contudo, tal classe de observação não deve ser uma questão meramente teórica, devemos ser práticos e nos observarmos cuidadosamente, em forma direta, de instante em instante.

Quando alguém começa a compreender sua própria miséria e nulidade, quando abandona os delírios de grandeza, quando compreende quão néscios são tantos títulos, honras e vãs superioridades sobre nossos semelhantes, é sinal inequívoco de que já começa a mudar.

Uma pessoa não pode mudar, apegando-se a coisas como "minha casa", "meu dinheiro", "minhas propriedades", "meu emprego", "minhas virtudes", "minhas capacidades intelectuais", "minhas capacidades artísticas", "meus conhecimentos", "meu prestígio" etc. Isso de aferrar-se ao "meu" e a "mim", é mais que suficiente para nos impedir de reconhecer nossa própria nulidade e miséria interior.

É de assombrar o espetáculo de um incêndio ou de um naufrágio, então, as pessoas, desesperadas, se apoderam muitas vezes de coisas que causam riso, coisas sem importância. Pobres pessoas! Sentem-se nessas coisas, descansam nessas bobagens, se apegam a isso que não tem a menor importância.

Sentir a "Si mesmo" por meio das coisas exteriores, fundamentar-se nelas, equivale a estar em um estado de absoluta inconsciência.

O sentimento da "Seidade" (O Real Ser) só é possível dissolvendo todos esses "Eus" que levamos em nosso interior; antes, tal sentimento resulta absolutamente impossível.

Desgraçadamente, os adoradores do "Eu" não aceitam isto, eles se crêem Deuses, pensam que já possuem esses "corpos gloriosos" de que falara Paulo de Tarso, supõem que o "Eu" é divino, e não há quem lhes tire esses absurdos da

cabeça.

Não se sabe o que fazer com tais pessoas, se lhes explica e não entendem, sempre se apegando às areias as quais edificaram sua casa, sempre metidas em seus dogmas, seus caprichos, suas necessidades.

Se essas pessoas se auto-observassem seriamente, verificariam por si mesmas a doutrina dos muitos, descobririam dentro de si mesmas toda essa multiplicidade de pessoas ou “Eus” que vivem em seu interior.

Como poderia existir em nós o real sentimento de nosso verdadeiro Ser, quando esses “Eus” estão sentindo por nós, pensando por nós? O mais grave de toda essa tragédia é que a pessoa pensa que está pensando, sente que está sentindo, quando, em realidade, é outro o que em um dado momento pensa com nosso martirizado cérebro e sente com nosso dolorido coração. Que infelizes somos! Quantas vezes cremos estar amando, e o que acontece é que outro dentro de nós, dentro de “Si mesmo”, cheio de luxúria, utiliza o centro do coração. Somos uns desventurados, confundimos a paixão animal com o amor, e, contudo, é outro dentro de nós mesmos, dentro de nossa personalidade, quem passa por tais confusões.

Todos nós pensamos que jamais pronunciaríamos aquelas palavras do Fariseu na parábola bíblica: "Deus, te dou graças porque não sou como os outros homens" etc. Não obstante, e ainda que pareça incrível, procedemos assim diariamente. O vendedor de carne no mercado diz: "eu não sou como os outros açougueiros que vendem carne de má qualidade e exploram o povo". O vendedor de tecidos na loja exclama: "eu não sou como os outros comerciantes que sabem roubar ao medir e que se enriqueceram". O vendedor de leite afirma: "eu não sou como outros vendedores de leite, que o misturam com água. Gosto de ser honrado". A senhora de casa comenta em uma visita o seguinte: "eu não sou como fulana, que anda com outros homens. Graças a Deus sou pessoa descente e fiel a meu marido".

Conclusão: os demais são malvados, injustos, adúlteros, ladrões e perversos, e cada um de nós é uma mansa ovelha, um "santinho de chocolate", bom para servir de menino de ouro em alguma igreja. Quão néscios somos! Pensamos sempre que nunca fazemos essas bobagens e perversidades que vemos os outros fazerem, e por tal motivo chegamos à conclusão de que somos pessoas magníficas. Desgraçadamente, não vemos as bobagens e mesquinharias que fazemos.

Existem momentos estranhos na vida em que a mente repousa, sem preocupações de espécie alguma. Quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio, então advém o novo. Em tais instantes é possível ver as bases, os fundamentos sobre os quais descansamos. Estando a mente, em profundo repouso interior, podemos verificar por nós mesmos a crua realidade desta areia da vida, sobre a qual edificamos a casa (Veja Mateus, VII, 24-29, parábola que trata das bases).

CAPÍTULO XXVIII

A VONTADE

A "Grande Obra" é, antes de tudo, a criação do homem por "Si mesmo", à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários. A "Grande Obra" é a conquista interior de "Si mesmo", de nossa verdadeira liberdade em Deus.

Necessitamos, com urgência máxima, inadiável, desintegrar todos esses "Eus" que vivem em nosso interior, se é que em realidade queremos a emancipação perfeita da Vontade.

Nicolas Flamel e Raimundo Lulio, ambos pobres, liberaram sua vontade e realizaram inumeráveis prodígios psicológicos que assombam. Agripa não chegou além da primeira parte da "Grande Obra" e morreu penosamente, lutando pela desintegração de seus "Eus", com o propósito de possuir a "Si mesmo" e fixar sua independência.

A emancipação perfeita da vontade assegura ao sábio o império absoluto sobre o Fogo, o Ar, a Água e a Terra. Para muitos estudantes de psicologia contemporânea parecerá um exagero o que em parágrafos anteriores afirmamos, com relação ao poder soberano da vontade emancipada, não obstante, a Bíblia nos fala maravilhas sobre Moisés.

Segundo Filon, Moisés era um Iniciado nas terras dos Faraós, às margens do Nilo, Sacerdote de Osíris, primo do Faraó, educado entre as colunas de Ísis, a Mãe Divina, e de Osíris, nosso Pai que está em segredo. Moisés era descendente do Patriarca Abraão, o grande Mago Caldeu, e do respeitável Isaac. Moisés, o homem que liberou o poder elétrico da vontade, possui o dom dos prodígios, e isso é sabido pelos divinos e pelos humanos. Assim está escrito.

Tudo o que dizem as Sagradas Escrituras sobre esse caudilho hebreu é certamente extraordinário, portentoso. Moisés transformou seu bastão em serpente, transformou uma de suas mãos em mão de leproso, e logo lhe devolveu a vida. Aquela prova da sarça ardente colocou bem claro seu poder, o povo compreendeu, ajoelhou-se e prosternou-se. Moisés utilizou uma Vara Mágica, emblema do poder real, do poder sacerdotal do Iniciado nos Grandes Mistérios da Vida e da Morte.

Ante o Faraó, Moisés transformou a água do Nilo em sangue, os peixes morrem, o rio sagrado ficou infectado, os egípcios não mais puderam dele beber e os canais de irrigações do Nilo derramaram sangue sobre os campos.

Moisés fez mais: fez com que aparecessem milhões de rãs desproporcionais, gigantescas, monstruosas, que saíam do rio e invadiam as casas. Logo, ao seu gesto, indicador de uma vontade livre e soberana, aquelas rãs horríveis desaparecem.

Mas como o Faraó não libertava os israelitas, Moisés operou novos prodígios: cobriu a terra de sujeira, suscitou nuvens de moscas asquerosas e imundas, que depois se deu ao luxo de afastar. Desencadeou a espantosa peste, e todos os rebanhos morreram, exceto os dos judeus. Colhendo fuligem do forno, dizem as Sagradas Escrituras, jogou-a no ar, e, caindo sobre os egípcios, causou-lhes pústulas e úlceras.

Levantando seu famoso bastão mágico, Moisés fez chover grizo dos céus, que de forma inclemente destruiu e mata. Logo fez estalar o raio flamífero, fazendo retumbar o trovão aterrador e chover espantosamente; logo, com um gesto, devolveu a calma.

Contudo, o Faraó continuou inflexível. Moisés, com um golpe tremendo de sua vara mágica, fez surgir, como que por encanto, nuvens de gafanhotos, logo vêm trevas. Outro golpe da vara auto-observação e tudo retorna à ordem original.

O final de todo aquele drama bíblico do Antigo Testamento é muito conhecido; intervém Jeová, faz morrer todos os primogênitos dos egípcios e o Faraó não teve mais remédio que deixar ir os hebreus.

Posteriormente, Moisés serviu-se de sua vara mágica para separar as águas do Mar Vermelho e atravessá-las a pé. Quando os guerreiros egípcios se precipitam por ali perseguindo aos israelitas, Moisés, com um gesto, faz com que as águas voltassem ao normal, tragando os perseguidores.

Inquestionavelmente, muitos pseudos ocultistas, ao ler tudo isto, quiseram fazer o mesmo, ter os mesmos poderes que Moisés, contudo, isto é absolutamente impossível, enquanto a Vontade continuar engarrafada dentro de todos e em cada um desses “Eus” que carregamos nas diferentes profundezas de nossa psique.

A essência, embutida no “Mim mesmo” é o gênio da lâmpada de Aladim, almejando por liberdade. Livre, tal gênio pode realizar prodígios. A Essência é Vontade-consciência, infelizmente se processando em virtude de nosso próprio condicionamento.

Quando a Vontade se liberta, então, mescla-se ou se funde, integrando-se com a Vontade Universal, fazendo-se por esta razão, soberana. A vontade individual, integrada com a Vontade Universal, pode realizar todos os prodígios de Moisés.

Existem três tipos de ações:

- a) aquelas que correspondem à Lei dos Acidentes;
- b) as que pertencem à Lei da Recorrência, fatos sempre repetidos em cada existência;
- c) ações determinadas intencionalmente pela Vontade Consciente.

Inegavelmente, só as pessoas que hajam libertado sua Vontade mediante a morte do “Mim mesmo”, poderão realizar atos novos, nascidos de seu livre arbítrio.

Os atos comuns e correntes da humanidade são sempre os resultados da Lei de Recorrência ou mero produto de acidentes mecânicos. Quem possui vontade

livre de verdade, pode originar novas circunstâncias; quem tem sua vontade engarrafada dentro do "Eu pluralizado", é vítima das circunstâncias.

Em todas as páginas bíblicas existem relatos maravilhosos, de alta magia, vidência, profecia, prodígios, transfigurações, ressurreição de mortos, seja por insuflação, ou imposição de mãos, ou pelo olhar fixo na raiz do nariz etc. Abundam na Bíblia a massagem, o azeite sagrado, os passes magnéticos, a aplicação de um pouco de saliva sobre a parte doente, a leitura do pensamento alheio, os transportes, as aparições, as palavras vindas do céu etc. Verdadeiras maravilhas da Vontade Consciente, liberada, emancipada, soberana.

Bruxos? Feiticeiros? Magos negros? Abundam como a erva daninha, mas esses não são Santos, nem Profetas, nem Adeptos da Irmandade Branca. Ninguém poderia chegar à "Iluminação Real", nem exercer o sacerdócio absoluto da Vontade Consciente, se previamente não houvesse morrido radicalmente em "Si mesmo", aqui e agora.

Muitas pessoas escrevem-nos freqüentemente, queixando-se de não possuir iluminação, pedindo poderes, exigindo-nos chaves que os convertam em Magos etc. Mas nunca se interessam por se auto-observar, em se autoconhecer, por desintegrar esses agregados psíquicos, esses "Eus" dentro dos quais se encontra engarrafadas a Vontade, a Essência. Pessoas assim estão obviamente condenadas ao fracasso. São pessoas que cobiçam as faculdades dos Santos, mas de maneira alguma estão dispostas a morrer em si mesmas.

Eliminar erros é algo mágico, por si só maravilhoso que implica rigorosa auto-observação psicológica. Exercer poderes é possível, quando se libera radicalmente do poder maravilhoso da Vontade. Infelizmente, como as pessoas têm a Vontade engarrafada dentro de cada "Eu", obviamente esta se encontra dividida em múltiplas vontades, que se processam cada uma em virtude de seu próprio condicionamento.

Resulta claro compreender que, por tal motivo, cada "Eu" possui sua vontade inconsciente particular. As inumeráveis vontades engarrafadas dentro dos eus se chocam entre si freqüentemente, fazendo-nos por tais motivos impotentes, débeis, miseráveis, vítimas das circunstâncias, incapazes.

CAPÍTULO XXIX

A DECAPITAÇÃO

À medida que alguém trabalha sobre o “Mim mesmo”, vai compreendendo cada vez mais e mais, a necessidade de eliminar radicalmente, de sua natureza interior, tudo isso que nos faz tão abomináveis.

As piores circunstâncias da vida, as situações mais críticas, os fatos mais difíceis, tornam-se sempre maravilhosos para o autodescobrimento íntimo.

Nestes momentos insuspeitados, críticos, afloram sempre, e quando menos o pensamos, os “Eus” mais secretos. Se estivermos alerta, indiscutivelmente os descobrimos. As épocas mais tranqüilas da vida são precisamente as menos favoráveis para o trabalho sobre o “Mim mesmo”.

Existem momentos da vida muito complicados, em que a pessoa tem a marcada tendência de se identificar facilmente com os acontecimentos, e se esquecer completamente de si mesma. Nestes instantes a pessoa faz bobagens que a nada conduzem. Se estivesse alerta, se nestes mesmos momentos, em vez de perder a cabeça, se recordasse de si mesma, descobriria com assombro certos “Eus” de cuja existência jamais teve a mais íntima suspeita.

O sentido de auto-observação íntima encontra-se atrofiado em todo ser humano. Trabalhando seriamente, observando-se o “Mim mesmo” de momento em momento, este sentido se desenvolverá de forma progressiva.

À medida que o sentido de auto-observação prossiga seu desenvolvimento mediante o uso contínuo, iremos cada vez mais percebendo, de forma direta, aqueles eus sobre cuja existência jamais tivemos qualquer informação.

Cada um desses eus que habitam em nosso interior, realmente assume, ante o sentido de auto-observação íntima, esta ou qualquer figura secretamente afim com o defeito personificado. Indubitavelmente, a imagem de cada um desses eus tem certo sabor psicológico inconfundível, mediante o qual apreendemos, capturamos instintivamente sua natureza íntima e o defeito que o caracteriza.

No princípio o esoterista não sabe por onde começar; sente a necessidade de trabalhar sobre “Mim mesmo”, mas se encontra completamente desorientado. Aproveitando os momentos críticos, as situações mais desagradáveis, os instantes mais adversos, se estão alertas, descobrimos os defeitos que sobressaem, os eus que devemos desintegrar urgentemente.

Às vezes se pode começar pela ira ou pelo amor próprio, ou pelo infeliz segundo de luxúria etc. É necessário tomar nota sobre todos os nossos estados psicológicos diários, se é que de verdade queremos uma mudança psicológica definitiva.

Antes de deitarmos, convém examinarmos os fatos ocorridos durante o dia,

as situações embaraçosas, a gargalhada estrondosa de Aristófanes e o sorriso sutil de Sócrates. Pode ser que tenhamos ferido a alguém com uma gargalhada, pode ser que tenhamos adoecido alguém com um sorriso ou com um olhar fora de lugar.

Recordemos que, em esoterismo puro, bom é tudo o que está em seu lugar, mal é tudo o que está fora de lugar. A água em seu lugar é boa, mas se inundasse toda a casa, estaria fora de lugar, causaria danos, seria má e prejudicial. O fogo, na cozinha e em seu lugar, além de ser útil é bom; fora de seu lugar, queimando os móveis da sala, seria mau e prejudicial.

Qualquer virtude, por santa que seja, em seu lugar é boa, fora de seu lugar é má e prejudicial. Podemos prejudicar a outros com as virtudes. É indispensável colocar as virtudes em seu lugar correspondente.

Que diríeis de um sacerdote que estivesse predicando a palavra do Senhor dentro de um prostíbulo? Que direis de um varão manso e tolerante que estivesse abençoando uma quadrilha de assaltantes que tentassem violentar sua mulher e suas filhas? Que diríeis desta classe de tolerância levada ao excesso? Que pensaríeis sobre a atitude caritativa de um homem que, em vez de levar comida para sua casa, repartisse o dinheiro entre os mendigos do vício? Que opinaríeis sobre o homem prestativo que, em um dado instante, emprestasse um punhal a um assassino?

Recorde, querido leitor, que entre as cadências do verso, também se esconde o delito. Há muita virtude nos malvados e muita maldade nos virtuosos. Ainda que pareça incrível, dentro do próprio perfume da prece também se esconde o delito. O delito disfarça-se de santo, usa as melhores virtudes, apresenta-se como mártir e até oficia nos templos sagrados.

À medida que o sentido da auto-observação íntima desenvolve-se em nós, mediante o uso contínuo, poderemos ir vendo todos esses “Eus” que servem de fundamento básico a nosso temperamento individual, seja este sanguíneo ou nervoso, fleumático ou bilioso.

Ainda que você não acredite, querido leitor, por trás do temperamento que possuímos escondem-se, dentro das mais remotas profundidades de nossa psique, as criações diabólicas mais execráveis. Ver tais criações, observar essas monstruosidades do inferno, dentro das quais se acha engarrafada nossa própria consciência, faz-se possível com o desenvolvimento sempre progressivo do sentido de auto-observação íntima.

Enquanto um homem não haja dissolvido essas criações do inferno, essas aberrações do “Mim mesmo”, indubitavelmente, no mais fundo, no mais profundo, continuará sendo algo que não deveria existir; uma deformidade, uma abominação.

O mais grave de tudo isso é que o abominável não se dá conta de sua própria abominação, crê-se belo, justo, boa pessoa, até se queixa da incompreensão dos demais, lamenta a ingratidão de seus semelhantes, diz que não o entendem, chora afirmando que lhe devem, que lhe pagaram com moeda falsa etc.

O sentido de auto-observação íntima permite-nos verificar, por nós mesmos e de forma direta, o trabalho secreto mediante o qual, em dado tempo, estamos dissolvendo tal ou qual “Eu” (tal ou qual defeito psicológico), possivelmente descoberto em condições difíceis, e quando menos o suspeitávamos.

Haveis pensado alguma vez na vida sobre o que mais vos agrada ou desagrada? Haveis refletido sobre os mecanismos secretos da ação? Por que quereis ter uma bela casa? Por que desejais ter um carro do último modelo? Por que quereis estar sempre na última moda? Por que cobiçais não ser cobiçoso? O que é o que mais vos ofendeu em um dado momento? Que é que mais vos envaideceu ontem? Por que haveis sentido superior a fulano de tal, em determinado instante? A que hora vos sentistes superior a alguém? Por que vos orgulhastes ao relatar vossos triunfos? Não pudestes calar, quando murmuravam de outra pessoa conhecida? Recebestes a taça de licor por cortesia? Aceitastes fumar, talvez não tendo o vício, possivelmente pelo conceito de educação ou de hombridade? Estais seguro de haver sido sincero naquela conversa? E quando justificais a vós mesmos, quando elogiáis a vós mesmos, quando contaís vossos triunfos e os relataís, repetindo o que antes dissestes aos demais, compreendeis que sois vaidosos?

O sentido de auto-observação íntima, além de vos permitir ver claramente o “Eu” que estais dissolvendo, permitir-vos-á também ver os resultados patéticos e definidos de vosso trabalho interior.

Em princípio, estas criações do inferno, essas aberrações psíquicas, que infelizmente vos caracterizam, são mais feias e monstruosas que as bestas mais horrendas que existem no fundo dos mares ou nas selvas mais profundas da terra; conforme fordes avançando em vosso trabalho, podereis evidenciar, mediante o sentido de auto-observação interior, o fato evidente de que aquelas abominações vão perdendo volume, vão diminuindo.

Resulta interessante saber que, conforme tais bestialidades decrescem em tamanho, conforme perdem volume e diminuem, ganham em beleza, assumem lentamente figura infantil e por último se desintegram, convertem-se em poeira cósmica. Então, a Essência engarrafada libera-se, emancipa-se, desperta.

Incontestavelmente, a mente não pode alterar profundamente nenhum defeito psicológico. Obviamente, o entendimento pode dar-se ao luxo de rotular um defeito com tal ou qual nome, de justificá-lo, de passá-lo de um nível a outro etc. Mas não poderia, por “Si mesmo”, aniquilá-lo, desintegrá-lo.

Necessitamos urgentemente de um poder flamígero superior à mente, de um poder que seja por “Si mesmo” capaz de reduzir a poeira cósmica tal ou qual defeito psicológico.

Afortunadamente, existe em nós esse poder serpentino, esse fogo maravilhoso que os velhos alquimistas medievais batizaram com o nome misterioso de *Stella Maris*, a Virgem do Mar, o *Azoe* da Ciência de Hermes, a *Tonantzin* do México Asteca, essa derivação de nosso próprio Ser íntimo, Deus-Mãe em nosso interior, simbolizado sempre com a Serpente Sagrada dos

Grandes Mistérios.

Se, depois de haver observado e compreendido profundamente tal ou qual defeito psicológico (tal ou qual eu), suplicamos a nossa Mãe Cósmica particular pois cada um de nós tem a sua própria, que desintegre, que reduza a poeira cósmica este ou aquele defeito, aquele “Eu” motivo de nosso trabalho interior, podemos estar seguros de que o defeito perderá volume e irá se pulverizando lentamente.

Tudo isto implica, naturalmente, sucessivos trabalhos de fundo, sempre contínuos, pois nenhum “Eu” pode jamais ser desintegrado instantaneamente. O sentido de auto-observação íntima poderá ver o progressivo avanço do trabalho, relacionado com a abominação que verdadeiramente nos interessa desintegrar.

Stella Maris, ainda que pareça incrível, é a assinatura astral da potência sexual humana. Obviamente, *Stella Maris* tem o poder efetivo para desintegrar as aberrações que carregamos em nosso interior psicológico.

A decapitação de João Batista é algo que nos convida à reflexão. Não seria possível mudança psicológica radical alguma, se não passássemos antes pela decapitação. Nosso próprio Ser derivado, *Tonantzín*, *Stella Maris*, como potência elétrica desconhecia para a humanidade inteira e que se acha latente bem no fundo de nossa psique, evidentemente goza do poder que lhe permite decapitar qualquer “Eu” antes da desintegração final. *Stella Maris* é esse fogo filosófico que se encontra latente em toda matéria orgânica e inorgânica. Os impulsos psicológicos podem provocar a ação interna de tal fogo, então a decapitação se faz possível.

Alguns eus costumam ser decapitados no começo do trabalho psicológico, outros no meio e os últimos no final. *Stella Maris*, como potência ígnea sexual, tem consciência do trabalho a realizar e realiza a decapitação no momento oportuno, no instante adequado.

Enquanto não for feita a desintegração de todas essas abominações psicológicas: de todas essas lascívia, de todas essas maldições, roubo, inveja, adultério secreto ou manifesto, ambição de dinheiro ou de poderes psíquicos etc., ainda que nos creiamos pessoas muito honradas, cumpridoras da palavra, sinceras, educadas, caritativas, belas interiormente etc., obviamente, não passaremos de sepulcros caiados de branco, belos por fora; mas por dentro cheios de asquerosa podridão.

A erudição livresca, a pseudo-sapiência, a informação completa sobre as sagradas escrituras, sejam do Oriente ou do Ocidente, do Norte ou do Sul, o pseudo-ocultismo, o pseudo-esoterismo, a absoluta segurança de estar bem documentados, o sectarismo intransigente com pleno convencimento etc., de nada servem, porque, no fundo, em realidade, só existe isso que ignoramos: criações do inferno, maldições, monstruosidades que se escondem por trás da cara bonita, do rosto venerável, sob a indumentária do líder sagrado etc.

Temos que ser sinceros conosco mesmos, perguntar o que é que queremos: se viemos ao ensinamento gnóstico por mera curiosidade; não é realmente passar pela decapitação o que estamos desejando, então estamos enganando a

nós mesmos, estamos defendendo nossa própria podridão, estamos procedendo de maneira hipócrita.

Nas escolas mais veneráveis da sapiência esotérica e do ocultismo existem muitos equivocados sinceros, que de verdade querem se auto-realizar, mas não estão dedicados à desintegração de suas abominações interiores. São muitas as pessoas que supõem que, mediante as boas intenções, é possível chegar à santificação. Obviamente, enquanto não se trabalhe com intensidade sobre esses eus que carregamos em nosso interior, eles continuarão existindo sob o fundo de nosso olhar piedoso e da boa conduta.

Chegou a hora de saber que somos uns malvados, disfarçados com a túnica da santidade, lobos com pele de ovelhas, canibais vestidos com roupas de cavaleiro, verdugos escondidos atrás do signo sagrado da cruz etc. Por muito majestosos que apareçamos dentro de nossos templos, dentro de nossas aulas de luz e harmonia, por mui serenos e doces que sejamos vistos por nossos semelhantes, por mui reverendos e humildes que pareçamos, no fundo de nossa psique continuam existindo todas as abominações do inferno e todas as monstruosidades das guerras.

Em Psicologia Revolucionária, torna-se evidente a necessidade de uma transformação radical, e esta só é possível, declarando guerra de morte a nós mesmos, impiedosa e cruel. Certamente, todos nós não valem nada, somos, cada um de nós, a desgraça da terra, o execrável.

Felizmente, João Batista nos ensinou o caminho secreto: morrer em nós mesmos mediante a decapitação psicológica.

CAPÍTULO XXX

O CENTRO DE GRAVIDADE PERMANENTE

Não existindo uma verdadeira individualidade, também é impossível que haja continuidade de propósitos. Se não existe o indivíduo psicológico, se em cada um de nós vivem muitas pessoas, se não há um sujeito responsável, seria absurdo exigir de alguém a continuidade de propósitos.

Bem sabemos que dentro de cada pessoa vivem muitas pessoas. Então, o pleno sentido de responsabilidade não existe realmente em nós. O que um determinado “Eu” afirma em um dado instante, não pode ter seriedade alguma devido ao fato concreto de que qualquer outro “Eu”, pode afirmar exatamente o contrário, em qualquer outro momento.

O grave de tudo isso é que muitas pessoas acreditam possuir o sentido de responsabilidade moral e se auto-enganam, afirmando serem sempre as mesmas.

Há pessoas que, em algum momento de sua existência, vêm aos estudos gnósticos, resplandecem com a força da aspiração, entusiasmam-se com o trabalho esotérico e até juram consagrar a totalidade de sua existência às questões gnósticas. Inegavelmente, todos os irmãos de nosso movimento chegam até a admirar tal entusiasta. Não se pode menos que sentir alegria ao escutar pessoas desse tipo, tão devotas e definitivamente sinceras. Contudo, o idílio não dura muito tempo. Qualquer dia, devido a tal ou qual motivo, justo ou injusto, simples ou complicado, a pessoa se retira da *Gnose*. Então, abandona o trabalho, e, para reparar o erro, ou tratando de se justificar, afilia-se a qualquer outra organização mística e pensa que agora vai melhor.

Todo esse ir e vir, toda essa troca incessante de escolas, seitas, religiões, se deve à multiplicidade de eus que em nosso interior lutam entre si pela supremacia. Considerando que cada “Eu” possui seu próprio critério, sua própria mente, suas próprias idéias, é apenas normal essa troca de opiniões, esse borboletear constante de organização em organização, de ideal em ideal etc.

O sujeito em si não é mais que uma máquina, que tanto serve de veículo a um “Eu” como a outro. Alguns eus místicos auto-enganam-se. Depois de abandonar tal ou qual seita, crêem-se Deuses, brilham como luzes fugazes e depois desaparecem.

Há pessoas que por um momento chegam ao trabalho esotérico, e logo, no instante em que outro “Eu” intervém, abandonam definitivamente esses estudos e se deixam engolir pela vida.

Obviamente, se uma pessoa não luta contra a vida, esta a devora, e são raros os aspirantes que, de verdade, não se deixam tragar pela vida. Existindo dentro de nós toda uma multiplicidade de eus, o centro de gravidade permanente

não pode existir.

É apenas normal que nem todos se auto-realizem intimamente. Bem sabemos que a auto-realização íntima do Ser, exige continuidade de propósitos, e, considerando que é muito difícil encontrar alguém que tenha um centro de gravidade permanente, então não é estranho que seja rara a pessoa que chegue à auto-realização interior profunda. O normal é que alguém se entusiasme pelo trabalho esotérico e logo o abandone. O estranho é que alguém não abandone o trabalho e chegue à meta.

Certamente, e em nome da verdade, afirmamos que o Sol está fazendo um experimento de laboratório muito complicado e terrivelmente difícil. Dentro do “animal intelectual”, equivocadamente chamado homem, existem germens que, convenientemente desenvolvidos, podem converter-nos em homens solares. Contudo, convém esclarecer que não é seguro que esses germens se desenvolvam, o normal é que se degenerem e se percam lamentavelmente. Em todo caso, os germens citados, que irão se converter em homens solares, necessitam de um ambiente adequado, pois é bem sabido que a semente, em um meio estéril, não germina, perde-se. Para que a semente real do homem, depositada em nossas glândulas sexuais, possa germinar, são necessários continuidade de propósitos e corpo físico normal.

Se os cientistas continuam fazendo experiências com as glândulas de secreção interna, qualquer possibilidade de desenvolvimento dos germens mencionados poderá vir a se perder. Ainda que pareça incrível, as formigas já passaram por um processo similar, em um passado remoto, arcaico, de nosso planeta Terra.

Ao contemplar a perfeição de um palácio de formigas, enchemo-nos de assombro. Não há dúvida de que a ordem estabelecida em um formigueiro é formidável. Aqueles Iniciados que despertaram a consciência sabem, por experiência mística direta, que as formigas, em tempos de que nem remotamente suspeitam os maiores historiadores do mundo, foi uma raça humana que criou uma poderosíssima civilização socialista.

Os ditadores daquela civilização eliminaram as diversas seitas religiosas e o livre arbítrio, pois tudo isso lhes tirava poder, e eles necessitavam ser totalitários no sentido mais completo da palavra. Nestas condições, eliminada a iniciativa individual e o direito religioso, o “animal intelectual” se precipitou pelo caminho da involução e da degeneração. A tudo isso se acrescentou os experimentos "científicos": transplantes de órgãos, glândulas, ensaios com hormônios etc., cujo resultado foi a diminuição gradual do tamanho e a alteração morfológica daqueles organismos humanos, até que, por último, fossem convertidos nas formigas que hoje conhecemos.

Toda aquela civilização, todos aqueles movimentos relacionados com a ordem social estabelecida se tornaram mecânicos e foram herdados de pais a filhos. Hoje, enchemo-nos de assombro ao ver um formigueiro, mas não podemos deixar de lamentar sua falta de inteligência. Se não trabalhamos sobre nós mesmos, involuímos e degeneramos espantosamente.

Certamente, o experimento que o Sol está fazendo no laboratório da natureza, além de ser difícil, tem dado muito poucos resultados. Criar homens solares só é possível, quando existe verdadeira cooperação em cada um de nós.

Não é possível a criação do homem solar, se antes não estabelecemos um centro de gravidade permanente em nosso interior. Como poderíamos ter continuidade de propósitos, se não estabelecemos em nossa psique o centro de gravidade? Certamente, qualquer raça criada pelo Sol, não tem outro objetivo na natureza que o de servir aos interesses dessa criação e ao experimento solar. Se o Sol fracassa em seu experimento, perde todo o interesse por uma raça, e esta fica de fato condenada à destruição e à involução.

Cada uma das raças que existiram sobre a face da Terra serviu para o experimento solar. Em cada raça, o Sol conseguiu alguns triunfos, colhendo pequenos grupos de homens solares. Quando uma raça já deu seus frutos, desaparece de forma progressiva ou perece violentamente mediante grandes catástrofes.

A criação de homens solares é possível quando se luta por ficar independente das forças lunares. Não há dúvida de que todos esses eus que levamos em nossa psique são de tipo exclusivamente lunar. De modo algum seria possível libertar-nos da força lunar se não estabelecêssemos previamente em nós um centro de gravidade permanente.

Como poderíamos dissolver a totalidade do “Eu” pluralizado se não temos continuidade de propósitos? De que maneiras poderiam ter continuidade de propósitos sem havermos previamente estabelecido em nossa psique um centro de gravidade permanente?

Uma vez que a raça atual, em vez de ficar independente da influência lunar, perdeu todo o interesse na inteligência solar, indubitavelmente se condenou à involução e à degeneração.

Não é possível que o homem verdadeiro surja mediante a mecânica evolutiva. Bem sabemos que a evolução e sua irmã gêmea, a involução, são apenas duas leis que constituem o eixo mecânico da natureza. Evolui-se até certo ponto perfeitamente definido, e depois vem o processo involutivo; toda subida é seguida por uma descida, e vice-versa.

Nós somos exclusivamente máquinas controladas por diversos “Eus”. Servimos para a economia da natureza, não temos uma individualidade definida, como supõem de maneira equivocada muitos pseudos esoteristas e pseudos ocultistas. Necessitamos mudar, com máxima urgência, a fim de que os germens do homem dêem seus frutos. Só trabalhando sobre nós mesmos, com verdadeira continuidade de propósitos e um completo sentido de responsabilidade moral, podemos converter-nos em homens solares. Isso implica consagrar a totalidade de nossa existência ao trabalho esotérico sobre nós mesmos.

Aqueles que têm a esperança de chegar ao estado solar mediante a mecânica da evolução enganam a “Si mesmo”, e de fato se condenam à degeneração involutiva.

No trabalho esotérico, não podemos nos dar ao luxo da versatilidade; esses

que têm idéias volúveis, esses que hoje trabalham sobre sua *psique* e que amanhã se deixam tragar pela vida, esses que buscam evasivas, justificativas para abandonar o trabalho esotérico, degenerarão e involuirão.

Alguns dão tempo ao erro, deixam para amanhã, enquanto melhoram sua situação econômica, sem levar em conta que o experimento solar é algo bem distinto de seu critério pessoal e seus costumeiros projetos. Não é tão fácil, converter-se em homem solar, quando carregamos a Lua em nosso interior (o “Ego” é lunar).

A Terra tem duas luas, a segunda é chamada Lilith e se acha um pouco mais distante que a lua branca. Os astrônomos costumam ver Lilith como uma lentilha, pois é a Lua negra. As forças mais sinistras do “Ego” chegam à Terra desde Lilith, e produzem resultados psicológicos infra-humanos e bestiais. Os crimes da imprensa sangrenta, os assassinos mais monstruosos da história, os delitos mais insuspeitados etc., devem-se às ondas vibratórias de Lilith.

A dupla influência lunar, representada no ser humano pelo “Ego” que carrega em seu interior, faz de nós verdadeiros fracassos. Se não vemos a urgência de entregar a totalidade de nossa existência ao trabalho sobre nós mesmos, com o propósito de liberar-nos da dupla força lunar, terminaremos pela Lua, involuindo, degenerando cada vez mais, dentro de certos estados que bem poderíamos qualificar de inconscientes e infraconscientes.

O grave de tudo isso é que não possuímos a verdadeira individualidade. Se tivéssemos um centro de gravidade permanente, trabalharíamos de verdade, seriamente, até chegar ao estado solar.

Há tantas desculpas nestas questões, tantas evasivas, existem tantas atrações fascinantes, que de fato costuma ser quase impossível compreenderem, por tal motivo, a urgência do trabalho esotérico. Contudo, a pequena margem que temos de livre arbítrio e o Ensino Gnóstico orientado para o trabalho prático, poderiam servir de embasamento para nossos nobres propósitos relacionados com o experimento solar.

A mente volúvel não entende o que estamos dizendo aqui, lê este capítulo e posteriormente o esquece. Vem outro livro e depois outro, e finalmente acabamos nos afiliando a qualquer instituição que nos venda um passaporte para o céu, que nos fale de forma mais otimista, que nos assegure comodidade no além.

Assim são as pessoas, meras marionetes controladas por fios invisíveis, bonecos mecânicos com idéias volúveis e sem continuidade de propósitos.

CAPÍTULO XXXI

O TRABALHO ESOTÉRICO GNÓSTICO

É urgente estudar a *Gnose* e utilizar as idéias práticas que damos nesta obra para trabalhar seriamente sobre nós mesmos. Entretanto, não poderíamos trabalhar sobre nós mesmos, com a intenção de dissolver tal ou qual “Eu”, sem havê-lo observado previamente. A observação de nós mesmos permite que penetre um raio de luz em nosso interior. Qualquer “Eu” se expressa na cabeça de um modo, no coração de outro modo, e no sexo de outro modo. Necessitamos observar o “Eu” que em um dado momento detectamos, urge vê-lo em cada um destes três centros de nosso organismo.

No relacionamento com outras pessoas, se estivermos alertas e vigilantes como o vigia em época de guerra, poderemos chegar ao autodescobrimento. Você se recorda a que hora feriram sua vaidade? Seu orgulho? O que foi que mais o contrariou no dia? Por que teve essa contrariedade? Qual a sua causa secreta? Estude isto, observe sua cabeça, coração e sexo.

A vida prática é uma escola maravilhosa. Na inter-relação com as outros podemos descobrir esses “Eus” que carregamos em nosso interior. Qualquer contrariedade, qualquer incidente pode conduzir-nos, mediante a auto-observação íntima, ao descobrimento de um “Eu”, seja este de amor-próprio, inveja, ciúmes, ira, cobiça, suspeita, calúnia, luxúria etc.

Necessitamos conhecer a nós mesmos, antes de poder conhecer os demais. É urgente aprender a ver o ponto de vista alheio. Se nos colocamos no lugar dos demais, descobrimos que os defeitos psicológicos que atribuímos a outros os temos de sobra em nosso interior.

Amar ao próximo é indispensável; mas não é possível a alguém amar aos outros, caso não aprende a colocar-se, antes, na posição de outra pessoa, no trabalho esotérico. A crueldade continuará existindo sobre a face da Terra, enquanto não hajamos aprendido a nos colocar no lugar de outros. Mas se não se tem a coragem de ver-se a “Si mesmo”, como poderia alguém colocar-se no lugar de outros? Por que haveríamos de ver exclusivamente a parte má das pessoas?

A antipatia mecânica para com outra pessoa que pela primeira vez conhecemos, indica que não sabemos colocar-nos no lugar do próximo, que não amamos o próximo, que temos a consciência demasiado adormecida.

É-nos muito antipática determinada pessoa? Por que motivo? Talvez beba? Observemo-nos... Estamos seguros de nossa virtude? Estamos seguros de não carregar em nosso interior o “Eu” da embriaguez? Melhor seria que, ao ver um

bêbado fazendo palhaçadas, disséssemos: "este sou eu, que estou fazendo palhaçadas..."

Você é uma mulher honesta e virtuosa e por isso não lhe agrada certa dama. Por quê? Sente-se muito segura de si mesma? Crê você que dentro de seu interior não tem o "Eu" da luxúria? Pensa que aquela dama desacreditada por seus escândalos e lascívia é perversa? Está segura de que em seu interior não existem a lascívia e a perversidade que você vê nessa mulher? Melhor seria que se auto-observasse, e que em profunda meditação ocupasse o lugar daquela mulher a quem detesta.

É urgente valorizar o trabalho esotérico Gnóstico, é indispensável compreendê-lo e apreciá-lo, se é que na realidade ansiamos por uma transformação radical.

Torna-se indispensável saber amar a nossos semelhantes, estudar a *Gnose* e levar este ensinamento a todas as pessoas, do contrário cairemos no egoísmo. Se alguém se dedica ao trabalho esotérico sobre o "Mim mesmo", mas não dá o ensinamento aos demais, seu progresso íntimo se torna muito difícil por falta de amor ao próximo.

"O que dá, recebe, e quanto mais der, mais receberá, mas o que nada dá, até o que tem lhe será tirado". Esta é a Lei.

CAPÍTULO XXXII

A ORAÇÃO NO TRABALHO

Observação, Julgamento e Execução são os três fatores básicos da dissolução: primeiro se observa, segundo, se julga e terceiro, se executa. Aos espiões na guerra, primeiro se lhes observa; segundo, se os julga; terceiro, se os fuzila.

Na inter-relação com as pessoas existe autodescobrimento e auto-revelação. Quem renuncia à convivência com seus semelhantes, renuncia também ao autodescobrimento.

Qualquer incidente da vida, por insignificante que pareça, indubitavelmente tem por causa um ator íntimo em nós, um agregado psíquico, um “Eu”.

O autodescobrimento é possível, quando nos encontramos em estado de alerta-percepção, alerta-novidade. O “Eu” descoberto em flagrante, deve ser observado cuidadosamente em nosso cérebro, coração e sexo. Um “Eu” qualquer de luxúria poderia manifestar-se no coração como amor, no cérebro como um ideal, mas, ao colocarmos a atenção no sexo, sentiríamos certa excitação concupiscente inconfundível.

O julgamento de qualquer “Eu” deve ser definitivo. Precisamos sentá-lo no banco dos réus e julgá-lo sem piedade. Qualquer evasiva, justificativa ou consideração deve ser eliminada, se é que na verdade queremos tornar conscientes do “Eu” que desejamos extirpar de nossa psique.

Execução é diferente, não seria possível executar um “Eu” qualquer, sem havê-lo previamente observado e julgado.

Oração no trabalho psicológico é fundamental para a dissolução. Precisamos de um poder superior à mente, se é que na realidade desejamos desintegrar tal ou qual “Eu”. A mente por si mesma nunca poderia desintegrar nenhum “Eu”, isto é irrefutável, irrefutável.

Orar é conversar com Deus. Nós devemos apelar a Deus-Mãe em nossa intimidade, se é que na verdade queremos desintegrar “Eus”. Quem não ama a sua Mãe, o filho ingrato, fracassará no trabalho sobre “Si mesmo”. Cada um de nós tem sua Mãe Divina particular, individual. Ela em si mesma é uma parte de nosso próprio Ser, porém derivada.

Todos os povos antigos adoraram a "Deus-Mãe" no mais profundo do nosso Ser. O princípio feminino do Eterno é Ísis, Maria, *Tonantzin*, Cibele, Rea, Adonía, Insobera etc.

Se no meramente físico temos pai e mãe, no mais fundo de nosso Ser

temos também nosso Pai que está em segredo e nossa Divina Mãe *Kundalini*. Existem tantos pais no Céu quantos homens na Terra. Deus-Mãe em nossa própria intimidade é o aspecto feminino de nosso Pai que está em secreto. Ele e Ela são certamente as duas partes superiores de nosso Ser íntimo. Indubitavelmente, Ele e Ela representam o próprio Real Ser, mais além do “Eu” da Psicologia. Ele se desdobra nela e manda, dirige, instrui. Ela elimina os elementos indesejáveis que levamos em nosso interior, sob a condição de um trabalho contínuo sobre nós mesmos.

Quando houvermos morrido radicalmente, quando todos os elementos indesejáveis houverem sido eliminados, depois de muitos trabalhos conscientes e padecimentos voluntários nós nos fundiremos e nos integraremos com o "Pai-Mãe"; então seremos Deuses terrivelmente divinos, mais além do bem e do mal.

Nossa Mãe Divina particular e individual pode, mediante seus poderes flamígeros, reduzir a poeira cósmica qualquer desses tantos “Eus” que tenha sido previamente observado e julgado.

De modo algum seria necessária uma fórmula específica para orar a nossa Mãe Divina interior. Devemos ser muito naturais e simples ao nos dirigir a Ela. O menino que se dirige a sua mãe, nunca tem fórmulas especiais, diz o que sai de seu coração e isso é tudo. Nenhum “Eu” se dissolve instantaneamente, nossa Divina Mãe deve trabalhar e até sofrer muitíssimo antes de conseguir a aniquilação de qualquer “Eu”.

Tornai-vos introvertidos, dirigi vossa súplica para dentro, buscando em vosso interior a vossa Divina Senhora, e com súplicas sinceras podeis falar-lhe. Rogai-lhe para que desintegre aquele “Eu” que haveis previamente observado e julgado.

Conforme vai se desenvolvendo, o sentido de auto-observação íntima vos permitirá verificar o avanço progressivo de vosso trabalho. Compreensão e discernimento são fundamentais, todavia se necessita de algo mais, se é que na realidade queremos desintegrar o “Mim mesmo”.

A mente pode se dar ao luxo de rotular qualquer defeito, passá-lo de um departamento a outro, exibi-lo, escondê-lo etc., mas nunca poderia alterá-lo fundamentalmente. Necessita-se de um "poder especial" superior à mente, de um poder flamígero capaz de reduzir as cinzas qualquer defeito.

Stella Maris, nossa Divina Mãe, tem esse poder, pode pulverizar qualquer defeito psicológico. Nossa Mãe Divina vive em nossa intimidade, mais além do corpo, das emoções e da mente. Ela é por si mesma um poder ígneo superior à mente. Nossa Mãe Cósmica particular, individual, possui Sabedoria, Amor e Poder. Nela existe absoluta perfeição.

As boas intenções e a repetição constante das mesmas de nada servem, a nada conduzem. De nada serviria repetir: "não serei luxurioso". Os “Eus” da lascívia, de todas as maneiras, continuarão existindo no fundo mesmo de nossa *psique*. De nada serviria repetir diariamente: "Não terei mais ira" porque os “Eus” da ira continuariam existindo em nossos fundos psicológicos. De nada serve dizer diariamente: "Não serei mais cobiçoso" porque os "eus" da cobiça

continuariam existindo, nos diversos departamentos de nossa psique. De nada serviria afastarmo-nos do mundo e nos encerrarmos em um convento ou viver em alguma caverna: os “Eus” dentro de nós continuariam existindo.

Alguns anacoretas que vivem em cavernas, à base de rigorosas disciplinas, chegaram ao êxtase dos santos e foram levados aos céus, onde viram e ouviram coisas que aos seres humanos não lhes é dado compreender; todavia, os “Eus” continuaram existindo em seu interior.

Inquestionavelmente, a Essência pode escapar do “Eu” à base de rigorosas disciplinas e gozar do êxtase, mas, depois do êxtase, retorna ao interior do “Mim mesmo”. Aqueles que se acostumaram ao êxtase, sem haver dissolvido o “Ego”, crêem que já alcançaram a liberação, auto-enganam-se, crendo-se Mestres e até ingressam na Involução submersa.

Jamais nos pronunciaríamos contra o arrebatamento místico, contra o êxtase e a felicidade da Alma na ausência do ego. Só queremos colocar ênfase na necessidade de dissolver “Eus” para conseguir a liberação final. A Essência de qualquer anacoreta disciplinado, acostumado a escapar do “Eu”, repete tal façanha depois da morte do corpo físico, goza por um tempo do êxtase, e logo retorna, como o Gênio da lâmpada de Aladim, ao interior da garrafa, ao “Ego”, ao “Mim mesmo”. Então, não lhe resta outro remédio que retornar a um novo corpo físico, com o propósito de repetir sua vida sobre o tapete da existência.

Muitos místicos que desencarnaram nas cavernas do Himalaia, na Ásia Central, agora são pessoas normais, comuns e correntes neste mundo, apesar de que seus seguidores ainda os adorarem e venerarem.

Qualquer tentativa de libertação, por mais grandiosa que seja, se não leva em conta a necessidade de dissolver o “Ego”, está condenada ao fracasso.

SUMÁRIO

PRIMEIRO LIVRO

A GRANDE REBELIÃO

PRÓLOGO.....	07
CAPÍTULO I –A VIDA.....	09
CAPÍTULO II – A CRUA REALIDADE DOS FATOS.....	11
CAPÍTULO III - A FELICIDADE	15
CAPÍTULO IV - A LIBERDADE.....	19
CAPÍTULO V - A LEI DO PÊNDULO.....	23
CAPÍTULO VI - CONCEITO E REALIDADE.....	27
CAPÍTULO VII - A DIALÉTICA DA CONSCIÊNCIA.....	29
CAPÍTULO VIII - O JARGÃO CIENTIFICISTA.....	33
CAPÍTULO IX - O ANTICRISTO.....	37
CAPÍTULO X - O EU PSICOLÓGICO.....	39
CAPÍTULO XI - AS TREVAS.....	41
CAPÍTULO XII - AS TRÊS MENTES.....	43
CAPÍTULO XIII - A MEMÓRIA-TRABALHO.....	47
CAPÍTULO XIV - COMPREENSÃO CRIADORA.....	51
CAPÍTULO XV - A KUNDALINI.....	55
CAPÍTULO XVI - NORMAS INTELECTUAIS.....	57
CAPÍTULO XVII - O BISTURI DA CONSCIÊNCIA.....	59
CAPÍTULO XVIII - O PAÍS PSICOLÓGICO.....	61
CAPÍTULO XIX - AS DROGAS.....	65
CAPÍTULO XX – INQUIETUDES.....	67
CAPÍTULO XXI – MEDITAÇÃO.....	71
CAPÍTULO XXII - RETORNO E RECORRÊNCIA.....	73
CAPÍTULO XXIII - O CRISTO ÍNTIMO.....	77
CAPÍTULO XXIV – O TRABALHO CRÍSTICO.....	79
CAPÍTULO XXV - O DIFÍCIL CAMINHO.....	83
CAPÍTULO XXVI - OS TRÊS TRAIADORES.....	85
CAPÍTULO XXVII - OS EUS-CAUSAS.....	87
CAPÍTULO XXVIII - O SUPER-HOMEM.....	89
CAPÍTULO XXIX - O SANTO GRIAL.....	93

SEGUNDO LIVRO

TRATADO DE PSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA

CAPÍTULO I - O NÍVEL DE SER.....	97
CAPÍTULO II - A ESCADA MARAVILHOSA.....	101
CAPÍTULO III - REBELDIA PSICOLÓGICA.....	103
CAPÍTULO IV - A ESSÊNCIA.....	105
CAPÍTULO V - ACUSAR-SE A SI MESMO.....	107
CAPÍTULO VI - A VIDA.....	109
CAPÍTULO VII - O ESTADO INTERIOR.....	111
CAPÍTULO VIII - ESTADOS EQUIVOCADOS.....	113
CAPÍTULO IX - ACONTECIMENTOS PESSOAIS.....	115
CAPÍTULO X - OS DIFERENTES EUS.....	117
CAPÍTULO XI - O QUERIDO EGO.....	119
CAPÍTULO XII - A MUDANÇA RADICAL.....	121
CAPÍTULO XIII - OBSERVADOR E OBSERVADO.....	123
CAPÍTULO XIV - PENSAMENTOS NEGATIVOS.....	125
CAPÍTULO XV - A INDIVIDUALIDADE.....	129
CAPÍTULO XVI - O LIVRO DA VIDA.....	133
CAPÍTULO XVII - CRIATURAS MECÂNICAS.....	135
CAPÍTULO XVIII - O PÃO SUPERSUBSTANCIAL.....	137
CAPÍTULO XIX - O BOM DONO DE CASA.....	139
CAPÍTULO XX - OS DOIS MUNDOS.....	141
CAPÍTULO XXI - OBSERVAÇÃO DE SI MESMO.....	143
CAPÍTULO XXII - A TAGARELICE.....	145
CAPÍTULO XXIII - O MUNDO DAS RELAÇÕES.....	147
CAPÍTULO XXIV - A CANÇÃO PSICOLÓGICA.....	149
CAPÍTULO XXV - RETORNO E RECORRÊNCIA.....	153
CAPÍTULO XXVI - AUTOCONSCIÊNCIA INFANTIL.....	155
CAPÍTULO XXVII - O PUBLICANO E O FARISEU.....	157
CAPÍTULO XXVIII - A VONTADE.....	161
CAPÍTULO XXIX - A DECAPITAÇÃO.....	165
CAPÍTULO XXX - O CENTRO DE GRAVIDADE PERMANENTE .	171
CAPÍTULO XXXI - O TRABALHO ESOTÉRICO GNÓSTICO.	177
CAPÍTULO XXXII - A ORAÇÃO NO TRABALHO.....	179